Revista da Semana

Anno XXXII -- N. 14 -- Preço 1$200 -- 21 de Março de 1931

Agentes Geraes: **Herm. Stoltz & Co.** -- Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco

Este numero consta de 40 paginas

ANNO XXXII | **Rio de Janeiro, 21 de Março de 1931** | **NUMERO 14**

ESTEVE hoje aqui em casa Mme. Fernandes. Veio me pagar uma velha visita. E causou-me immensa pena.

Coitada! E' uma senhora deveras distincta, bastante espirituosa e dos melhores sentimentos. Conversa com facilidade sobre os assumptos mais variados e quasi não diz mal de ninguem... Tem até o bom gosto de elogiar aquillo que nos pertence, moveis, flores, livros, animaes, sem exagero nem ironia... Sabe o seu bocado de piano e conhece Chopin muito mais que de vista ou de ouvir tocar... Veste-se, enluva-se e enchapella-se deliciosamente. Um defeito, porém, um tremendo defeito deslustra tão nobre ornamento da nossa sociedade. Mme. Fernandes tem — como, aliás, innumeras outras senhoras que nós conhecemos — a preoccupação de possuir o menor pé do Rio de Janeiro. E é quanto basta para reduzir as peregrinas virtudes que a exornam a atractivos de terceira ordem e até, ás vezes, a coisa nenhuma.

Mme. Fernandes esteve uma hora sentada na cadeira aqui ao lado e foram para ella — como, até certo ponto, para mim tambem — sessenta minutos de oppressão, angustia, desespero. Trazia os mais lindos sapatos de pelle de cobra, dum feitio apurado, impeccavel, como se, em vez de sahidos dum fundo de loja e duma balburdia de fôrmas, tripeças, martelos e tirapés, tivessem vindo da officina dum mestre joalheiro. Lembravam justamente dois escrinios do mais gracioso e puro lavor. Mas, dentro delles, os pés padeciam como condemnados; e todas as linhas patricias e toda a esmerada compostura de Mme. Fernandes se remexiam, se contorciam, arquejavam e pareciam em risco de estalar. Ao cabo dalguns minutos estava o interesse, o brilho da conversação irremediavelmente perdido. Que fazer? Pôr termo á visita, sem razão apresentavel, sem sequer um desses pretextos que a hypocrisia dos salões veio, através dos seculos, inventando para os grandes momentos de embaraço ou tédio? Mme. Fernandes não tinha positivamente vontade de palestrar; do que a tinha, era de gemer. E torturadamente eu puxava pela intelligencia, como pela trela dum cachorrinho rebelde, para que marchasse de qualquer maneira. Modas, theatros, festas, o verão, ora esbrazeado ora tranzido, casos ligeiramente mundanos ou gravemente sociaes, os *potins* da politica, a politica dos *potins*... nada me occorria que prestasse. A custo engendrava algumas palavras de vez em quando; idéas, nem meia. Os meus olhos e todos os meus pensamentos fugiam para aquelles pésinhos suppliciados que se cruzavam e descruzavam, com a esperança de, mudando de posição, mudar de martyrio; se encostavam com força um ao outro, para soffrer um pouco mais, como unica maneira de variar o soffrimento; e de vez em quando desciam sobre as biqueiras e se erguiam sobre os calcanhares, appellando para a illusão de se poderem libertar... Nesses momentos na verdade supremos, nem eu sabia o que dizia; e todas as energias me pareciam poucas para conter, recalcar este grito desvairado:

— Mas descalce-os, minha amiga, descalce-os logo duma vez!

Está claro que a minha visita de hoje não usa o nome de Fernandes. E nem Mme. Fernandes, neste caso, é uma senhora, mas uma collectividade. Ella me serve de exemplo ou especime da immensa familia de coquettes que abusam de ter pés pequenos, para os tornar ainda mais exiguos com os artificios crueis do sapateiro. Se bem repararmos, notaremos quantas e quantas damas se encontram por essas ruas, trajadas com requintado gosto — sem já fallar do luxo que nos é proverbial — mas andando sem desenvoltura e sem firmeza, como se a cada passo corressem o risco de dar uma topada ou escorregar. E' o refinamento daquillo que o bom povinho chama "pizar ovos" E não ha muitas semanas li eu a opinião, expendida por um cavalheiro viajadissimo, de que as senhoras cariocas não sabem pizar. Sabem tal! A questão é que não podem!

O sapateiro tornou-se para ellas um algoz, uma especie de official... do Santo Officio, mas tambem não deixa, no meio dos caprichos e exigencias das clientes, de constituir uma verdadeira victima. Ellas o obrigam a encurtar o que é extenso, a estreitar o que é dilatado. Censuram-no, retiram-lhe a freguezia e, peor que tudo, choram diante delle, se não consegue reduzir-lhes as plantas á medida por ellas sonhada... e decretada. Arrisca-se a ficar na miseria se, de repente, se espalha na cidade o boato de que o sapateiro Fulano "faz os pés grandes". E a cada momento lhe é imposto o problema terrivel de conseguir um continente menor que o conteúdo!

Que lhes importa, ás freguezas, a immensa desvantagem, o verdadeiro perigo daquella aperreamento dos organs locomotores? Nunca as insensatas se lembram de que todo e qualquer constrangimento affecta e destroe a elegancia; que sem a plena liberdade de andar não ha esbelteza ou airosidade possivel; que os sapatos apertados não só attentam contra a esthetica mas tambem contra a saude, e a alegria, e a faculdade de luctar, e a capacidade de vencer. Com sapatos que não sejam folgados, nenhuma mulher — por mais que lhe sobrem os dotes e requisitos naturaes — conseguirá ir longe. E tudo isso ellas hão de reconhecer... Pois não se emendam. Dir-se-ia que, nesse particular, cada vez ficam peores. Ainda ante-hontem chegou ao meu conhecimento um caso edificante... e veridico.

Uma senhora da melhor sociedade entrou na Loja de Calçado Tal e pediu um par de sapatos.

— Que numero a senhora calça?

— Trinta e seis.

O caixeiro trouxe sapatos da medida indicada. Os pés não cabiam. Seria questão de feitio? A qualidade do couro talvez... Ou então — alvitrou timidamente o caixeiro — estaria a dama equivocada quanto ao numero...

—Ora essa! protestou ella, indignada. Se até posso calçar trinta e cinco! Veja trinta e seis, que ha de ficar folgado por força!

Veem outros pares. Todas as fôrmas, todos os couros, carneiras e pellicas do estabelecimento... O caixeiro coça, afflicto, a cabeça. A fregueza não desiste. Eis senão quando o dono da casa, que ha minutos acompanhava a scena, intervem e declara serenamente:

— Eu sei, a senhora quer uns sapatos compridos por dentro e curtos por fóra. Ora, desses, tivemos, tivemos... Infelizmente, acabaram!

A cliente chamava-se Mme. Fernandes — ou, mais propriamente, Mme. Qualquer de Nós.

Clara Lucia

A volta do enfermo

conto de Daniel Poiré

A CHAVE rodou na fechadura com um ruidozinho metallico; Thereza Darsons empurrou a porta e, voltando-se para o marido:

— Entra.

Apenas se viu na saleta de entrada, Jorge expandiu numa palavra o tumultuoso jubilo que o possuia:

— Emfim!

— Estás contente por ter voltado para casa?

— Se estou! Tenho a impressão de que a vida, tendo fugido de mim, agora volta, se insinua no meu corpo, no meu cerebro principalmente... Assim devem sentir os que estiveram prestes a afogar-se e voltam á realidade.

—Não estiveste assim tão perto da morte... Aos trinta e sete annos, o organismo reage...

— Foi, em todo o caso, uma molestia bem grave, não?

— Foi...

Esta resposta breve, fugidia não deixou de o surprehender... Tinha pressa, porém, de rever a casa, os moveis, o gabinete onde tinha as suas coisas, os seus livros e onde tão grato lhe era repousar e meditar...

— Tudo está na mesma... observou elle.

— Nem eu ia mudar coisa alguma sem tu chegares. Para que?

— Podias, ás vezes... Fiquei tanto tempo na casa de saude, não é verdade?

— Sim, bastante tempo...

— Que tive eu, afinal? Uma especie de encephalite?

— Isso mesmo.

— Podiam ter-me tratado aqui em casa...

— Os medicos exigiram o teu transporte para uma casa de saude e comprehendes que não me podia oppor... Seria uma responsabilidade...

— Mas, filhinha, nem eu te censuro por isso!

Com um gesto machinal passou os dedos pela testa, onde havia duas rugas fortes, e proseguiu:

— Que coisa esquisita... Não ha maneira de me lembrar do que aconteceu, como isto começou...

— Estás ainda tão fraco... Alem disso, a commoção naturalmente te perturba as idéas...

— Tens razão. E, ao de mais, que importa? A questão é ter voltado, ver que a vida vae recomeçar, serena e segura, ao teu lado...

— De certo, de certo...

— Continuas a ser a minha Thereza, tão bella, tão moça...

— Trinta annos...

— Com o teu rosto claro, os teus claros olhos, os teus cabellos claros, és tudo o que eu amo na vida.

Toma nas suas as mãos da esposa, comtempla-a com o olhar ainda um tanto incerto, que tenta habituar-se ás coisas e ás pessôas... Ella, porém, interrompe logo tal exame, attrahindo Jorge, cuja cabeça apoia no seu hombro. E docemente lhe acaricia o rosto, como quem trata de consolar a mágoa duma creança...

Jorge, cerrando os olhos e saboreando esse afago dulcissimo, declara:

— Sou feliz!

Thereza, num movimento cujo nervosismo elle não percebe, apoia a mão com mais vehemencia na face do marido. Depois, desviando-se delle:

— Espera ahi. Está tanto calor... Deves ter sêde, não? Vou mandar fazer uns refrescos... E tenho que ver ahi umas outras coisas...

Jorge accommoda-se numa poltrona e fica meditando. Experimenta uma sensação de alegria inundante, dizendo-se a si mesmo que a vida vae recomeçar serena, tepidamente,

A 200 METROS DE ALTURA

— Nunca vi sujeito tão medroso como este Julio. Ao menor pingo de chuva, corre a buscar o impermeavel.

O Medico — E, principalmente, trate de evitar as multidões, os apertos...
O Doente — Isso é que não, doutor. Eu sou batedor de carteiras...

junto de Thereza, como antes dos dias brumosos da encephalite. Estranha, mysteriosa doença, cuja origem, cujos padecimentos elle é incapaz de recordar... Apenas se lembra dalgumas violentas dores de cabeça e depois quaquer coisa como se uma mola se partisse lá dentro, uma valvula se abrisse e os pensamentos se lhe escoassem, como agua correndo dum funil... Tudo isso porém muito, muito vago...

Jorge resolve abandonar aquellas cogitações, que nada lhe adiantam, e para melhor se distrahir levanta-se, para dar uma volta pela casa. Visita de passagem a sala de visitas, a de jantar, o banheiro, gosando a ordem, o rigoroso asseio de tudo, e mette pelo corredor que leva á cozinha. Nisto, chamam-lhe a attenção duas vozes que conversam —a da cozinheira, que Jorge muito bem reconhece, e a outra, extranha para elle, provavelmente de qualquer fornecedor. Jorge Darsons apura o ouvido, para surprehender o dialogo:

— Com que então, está de volta o seu patrão?

— E' verdade, chegou ha bocadinho.

— E vem completamente curado?

— Isso nunca se sabe ao certo. A coisa pode voltar, e então...

— Já o viu?

— Assim que elle entrou. E quer que lhe diga? Metteu-me medo. Os olhos esgazeados, sempre a mexer para um lado e para o outro... Parece que o pobre homem não sabe onde pousar o olhar...

— Coitado! Nem a senhora deixaria que o internassem, se...

O resto da phrase não a ouviu Jorge, mas a odiosa revelação cahiu-lhe na cabeça como uma martelada. "Internado"! Fôra então "aquillo"... Como por effeito dum subito e vehemente jacto de luz, surgem aos seus olhos as explicações que a memoria lhe recusava...

Os modos incomprehensiveis de Thereza, as suas respostas evasivas quando elle a interrogava, o aspecto de prisão daquella casa de saude — quantos outros enigmas que de repente se elucidavam, se revelavam. Era a loucura, a loucura!

Encostado á parede, aproximou-se um pouco mais da cozinha, apurou de novo o ouvido para apanhar o resto da conversação.

— E a senhora? Que diz, no meio de tudo isso?

— Que ha de dizer? Tem tão bom coração... Resigna-se, vae esperando...

— E o projectado divorcio e, depois, o casamento com o tal sr. Sarzac?

— Está desfeito, naturalmente. Nem a senhora o teria admittido se não fossem as affirmações repetidas dos medicos... Todos declaravam que nunca o patrão ficaria bom...

No fundo do corredor sombrio, Jorge Darsons cambaleia, como desamparado... Correm-lhe da testa grossas bagas de suor. Tem a sensação dum enxame de abelhas dentro da cabeça... De repente, uma especie de mola se parte; os pensamentos que elle não consegue dominar, reter espantam-se, disparam num vôo tragico... E, com gestos bruscos e desarticulados, o infeliz desata a dizer coisas sem nexo, por entre risadas de arrepiar...

MONTE-CARLO BEACH

(RIVIERA FRANCEZA)

Adormecer e acordar á beira da Grande Praia Azul, partilhar todas as horas do dia entre os esportes e os prazeres mundanos no encantamento de uma natureza sempre inundada de sol, ter a sua sacada frente ao mar, a meza em face da piscina, jantar e ceiar no quadro luxuoso do BEACH HOTEL, saborear as primicias dos melhores espectaculos da Europa no meio da mais aristocratica platéa internacional, tal é em resumo o programma da vida em Monte Carlo.

Um hotel que constitue a ultima palavra em conforto, um restaurante sumptuoso, as alegrias da natação, do "yachting", dos deslizadores aquaticos, as 24 quadras de tennis do Country-Club, os links de Mont-Agel abertos durante todo o anno num sitio e numa temperatura ideaes fazem deste novo MONTE CARLO, assim no inverno como no verão, a estação mais brilhante do mundo.

Pedir informações á SOCIETE' DES BAINS DE MER MONTE CARLO, serviço D. E.

Uma historia de persevejos

Eis uma curiosa historia que vem nos jornaes allemães:

Um viajante de máu genio chamou aos tribunaes a proprietaria dum modesto hotel de Francfort, onde, affirmava elle, tinha sido atormentado, quasi devorado pelos persevejos. E o queixoso reclamava, pelos prejuizos assim causados na sua pelle e no seu sangue, uma forte indemnisação.

A proprietaria acusada protestou energicamente, allegando que os persevejos em questão, fôra aquelle hospede que os levara para sua casa. Nem por isso deixou de ser condemnada... Mas appellou. A sentença foi confirmada, tanto mais que desta segunda vez foi demonstrado que, a despeito das negativas reiteradas da proprietaria, existiam no hotel persevejos em quantidade. A mulherzinha, porém, não desistiu de protestar e discutir. E, á data do jornal donde extrahimos esta nota, queria ella que se provasse existirem taes insectos no seu estabelecimento antes de por lá passar o hospede referido — a quem ella, por sua vez, quer processar por lhe haver infestado o hotel.

E a questão continua...

Paternidade e musica

Os favores concedidos pelo Governo Francez, e em virtude do legado Cognacq ás familias numerosas do paiz, têm levado a descobertas interessantes. Assim, o sr. N., musicista e compositor muito conhecido na região do Oeste, se distinguiu pela maneira... digamos original como baptisou a sua prole. Não satisfeito com o projecto de ensinar a divina arte a todos os filhos, começou por dar a cada um, no baptismo, uma nota da escala.

Ao primeiro, poz o nome Do-minique; ao segundo, Re-my; e depois successivamente: Mi-chel, Fa-bien, Sol-ange, La-zare e Si-mone.

Não tinha o fecundo musicista previsto o filho n. 8. Chegou a vez deste... Perplexidade! Afinal, o ditoso pae escolheu o nome Dièse (sustenido).

E agora, se outros vierem, chamar-se-hão naturalmente Bemol, Breve, Semibreve, etc. etc.

A's tres da madrugada

— Sobe, sobe commigo! Eu quero que conheças minha mulher!

— A que horas você tinha que descer?

— A's seis horas...

— Pois... vae chegar muito antes porque já não tenho mais forças na mão...

MUSSOLINI COMO CESAR (*busto de Wildtt*).

O centenario dos phosphoros

Foi em 1831 que appareceram na Europa os primeiros phosphoros. Foram fabricados na Allemanha pela firma Romer e Preschel. O seu verdadeiro inventor — diz uma revista — foi um francez, o dr. Sauria, de Poligny, que, estudante ainda, conseguiu inflammar lascazinhas de madeira, friccionando-as contra uma camada de phosphoro branco. Esse, porém, não se utilizou da invenção.

Antes disso, fazia-se fogo com um apparelhozinho denominado "Briquet Fumade" e inventado pelo physico Cagniard de la Tour, nos primeiros annos do seculo XIX. Consistia esse apparelho numa caixa cylindrica, de papelão, contendo: 1.º uma noticia explicativa que era preciso estudar com cuidado; 2.º um frasquinho de acido sulphurico; 3.º palitos providos de pasta oxigenada, *cuja extremidade, enxofrada, embebida de chlorato de potassa... se inflammava ou não, quando a mergulhavam no frasquinho de acido. Era, como se vê, uma operação complicada e que exigia não pouca paciencia.*

Foi, portanto, um grande progresso o realizado em 1831 pelos palitos phosphoricos de fricção (tambem chamados congrèves por analogia com os foguetes incendiarios de que o general inglez William Congreve dotára a marinha britannica). Com effeito, o chlorato de potassa tornava esses phosphoros demasiado explosivos; foi por isso substituido pelo bioxydo de chumbo. Depois, em vez do phosphoro branco, veneno fortissimo, empregou-se o phosphoro vermelho ou amorpho, *inoffensivo. E então deram os fabricantes aos seus phosphoros o epitheto tranquillizador de hygienicos e até o qualificativo extravagante de* androgynos.

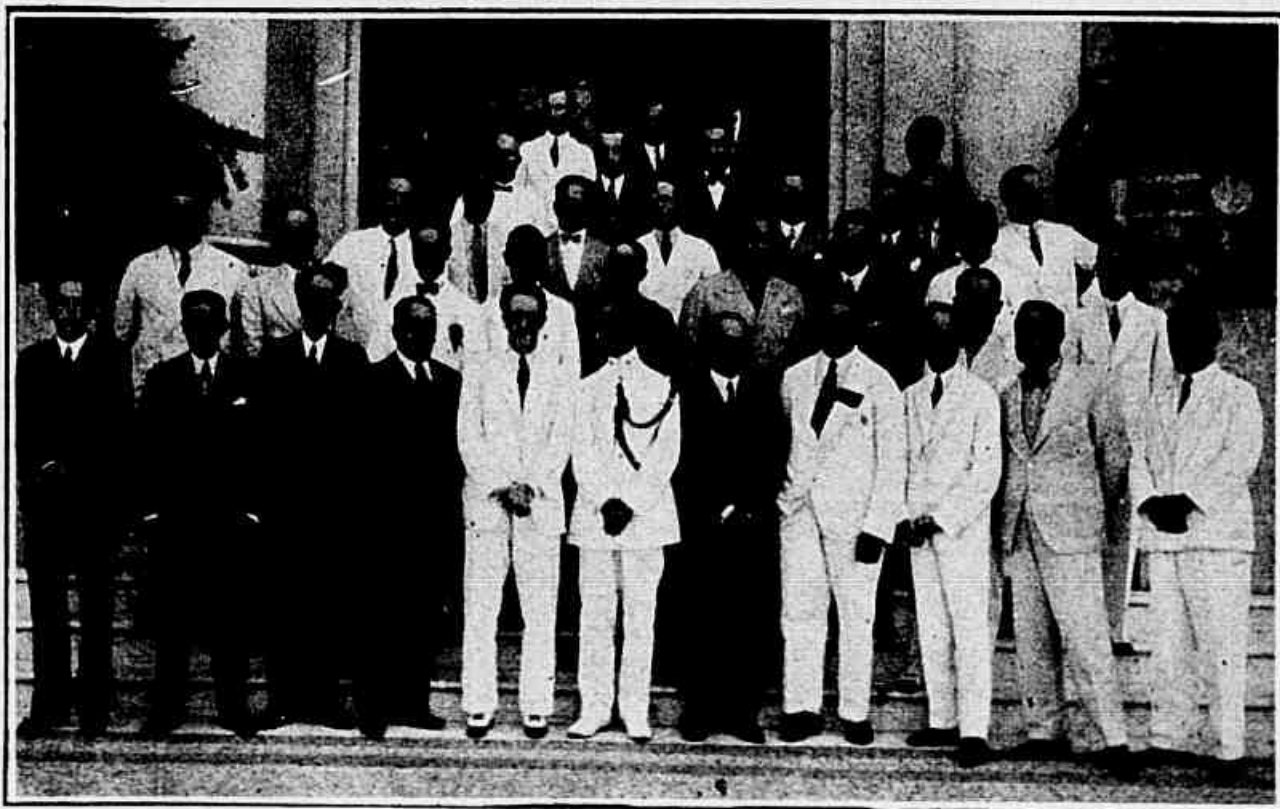
O androgyno *tinha chlorato numa das extremidades e phosphoro na outra. Para se obter fogo, quebrava-se o palito ao meio e esfregavam-se as duas extremidades uma na outra.*

Segundo "round"

O manager — Desce d'ahi depressa! Enganaram-se, não era a tua vez.

PENSAMENTO

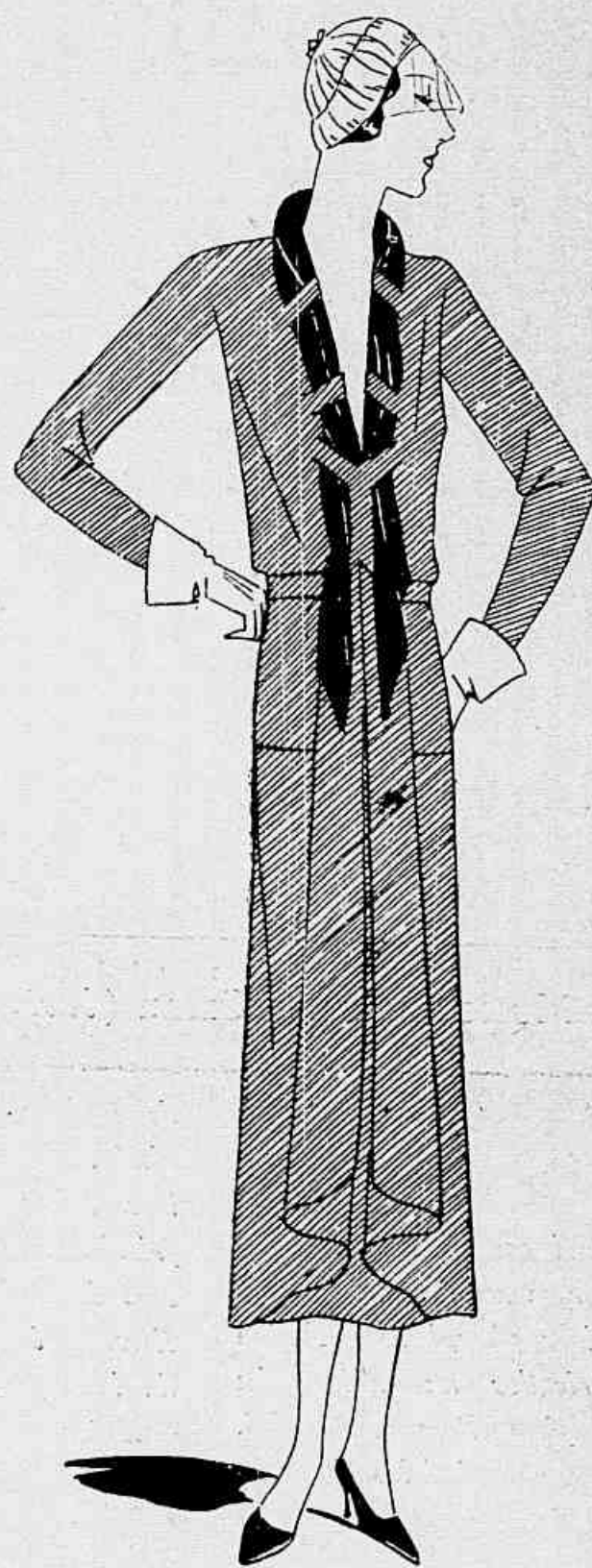
Quando a consciencia fala, deve se ouvir só a ella e seguil-a, mesmo quando o caminho por onde nos leva tem espinhos e soffrimentos.

ALBERT DURUY

Almoço offerecido ao dr. Frota Aguiar, delegado de Policia encarregado da campanha contra o jogo, pelos seus collegas e amigos da Policia do Districto Federal.
O grupo, feito no Balneario da Urca, mostra o homensgeado entre os homenageantes.

Grupo dos intellectuaes e musicistas que tomaram parte no concerto e no recital de poesia que se realizaram na semana atrazada no *studio* da Radio Sociedade do Rio de Janeiro.

Cronica de Paris

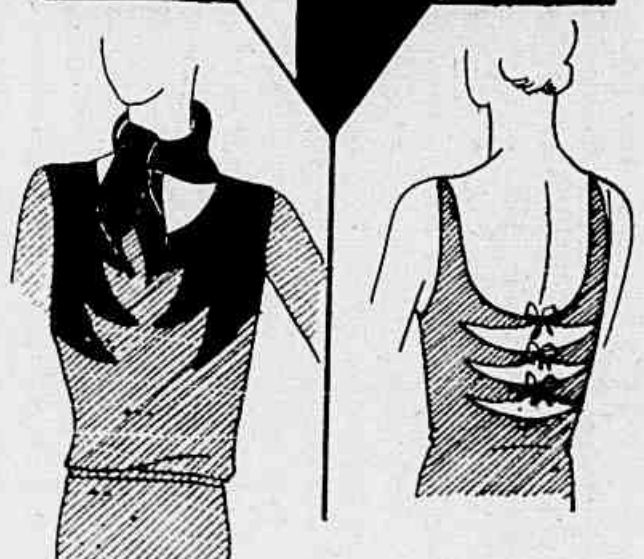
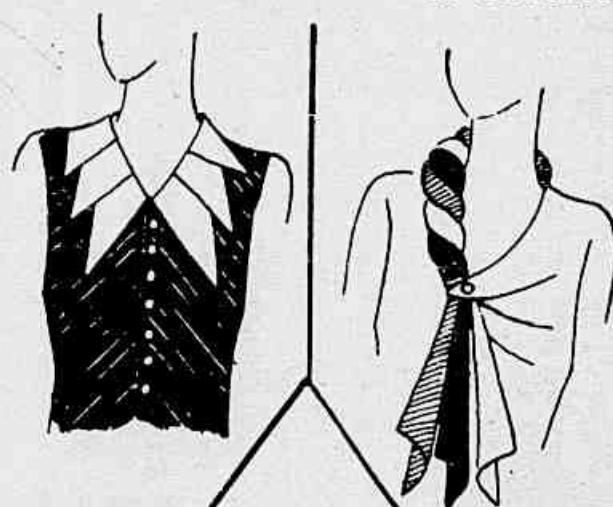
Paris, JANEIRO DE 1931

Não ha duvida de que a mulher elegante se distingue muito mais pela originalidade dos accessorios do seu toucado do que pelo córte do seu vestido ou pela acertada escolha do tecido ou do modelo. E é, precisamente, nisso onde as mulheres se enganam mais. Algumas escolhem adornos improprios da sua idade, outras não fazem gala do melhor gosto ao escolherem estes detalhes, e a maior parte tropeçam com accessorios que se vulgarizam depressa sendo, dentro em pouco, levados por todo o mundo, com o que perdem já todo o merito que doutra maneira poderiam ter tido.

Vestido em *marocain* dahlia guarnecido, no pescoço, por uma fita de velludo franjado; saia ampla na parte anterior.

Vestido de *georgette* preto, acompanhado por um pequeno casaco completamente bordado com perolas brancas e negras; os fólhos são bordados em perolas negras.

E' preciso reconhecer que um dos distinctivos da mulher parisiense é, precisamente, o acerto da escolha dessas pequenas ninharias que tanto realçam os vestidos. Por isso, precisamente, existe o chamado "artigo de Paris" que se vende e é solicitado em todo o mundo, com a certeza de que o que chega a alcançar certa voga na nossa capital tem, pelo menos, as garantias de não ser vulgar.

Para entrarmos no assumpto, começaremos por orientar um pouco as nossas leitoras ácerca da forma do decote do vestido de noite. Sempre e seja qual fôr a moda reinante, ha varios modelos dignos de ser estudados, mas é evidente que um determinado decote não cahirá bem a todas as mulheres. Ha-as, naturalmente, que, por felicidade sua, podem fazer o que quizerem, pois sempre estão bem, mas

Alguns detalhes de alta costura

Golla formando varias pontas em ottoman branco sobre vestido de velludo azul listado de branco. Franja em espiral feita em trez tons diferentes ou em camafeus, acompanhando um lado da golla aberta e terminando na frente por tres pontas soltas. Collete de seda antiga em flores — que se põe sob o casaco do tailleur. Incrustações de Breitschwantz com gravata de nó na frente. Original decote de dorso para traje de noite.

Vestido de renda ouro, guarnecido de raposa amarella. Esse vestido tem mangas-luvas e deixa os hombros nús.

este caso não é geral, infelizmente. Assim, pois, antes de se escolher a forma do decote é preciso estudar bem as linhas do nosso pescoço, do nosso hombro e costas, e até do proprio decote, para se escolher a forma que melhor faça ressaltar as nossas qualidades.

Por exemplo, quando o vestido fôr de velludo de seda preto e a parte de diante lisa por completo, todo o interesse daquelle se concentrará nas duas "coquilles" que recolherão o "drapé" do vestido e tambem pelo decote bastante pronunciado, ovalado e adornado com flores. Estas serão de velludo encarnado e figurarão no decote e no meio das costas. Quando as hombreiras que sustentam o decote ficam reduzidas á sua expressão mais simples, substituem-se com frequencia por uma fila de pérolas, de "strass" ou de pedras de côres. Em compensação, um vestido cingido, de crespão de setim, preto poderá ser sem nenhum adorno, se o seu decote recortado deixa a perceber a cutis de vez em quando.

Os pequenos manguitos, que até agora se levavam sómente pela manhã e pela tarde, começam já a sahir de noite. Geralmente são muito pequenos e duma pelle preciosa como, por exemplo, o arminho, o "vison", a zebelina, a chinchilla etc. Mas tenha-se em conta que a pelle escolhida deve fazer lembrar a que serve para adornar o casaco de agasalho. De todos os modos podemos indicar uma feliz combinação que vimos e que consistia num casaco de

Vestido em crepe *georgette* azul marinha.

agasalho de *lamé* ouro e de pelle de panthera. Quer dizer que esta ultima é que constituia o diminuto manguito. A mais, figuravam nelle duas magnificas orchideas que augmentavam a magnificencia e o requinte do conjunto.

Foram interrogadas, recentemente, várias pessoas, peritas em modas, ácerca da maior ou menor aceitação que poderão ter os manguitos e, apesar de não faltarem as opiniões contrarias, parece que a maioria se inclina pela adopção desta peça de agasalho, que se pode classificar quasi de substituto do leque no inverno, já que ambos os objectos permittem e justificam muitos e lindos movimentos das mãos da mulhér.

Como notas finaes, diremos que as carteiras de mão costumam a fazer jogo com o casaco de agasalho e com os sapatos. E se, por exemplo, o primeiro é de *lamé* ou dum tecido de fantasia, podem-se cortar do mesmo tecido.

Tambem se deve ter em conta que ha pelles que desempenham este inverno um papel muito importante, em forma de golas, de adornos, de manguitos e até para rematar ou fazer cahir melhor os baixos dum vestido comprido ou dum casaco de agasalho muito curto. E o arminho e o veludo preto formam uma combinação das mais acertadas.

Toque para noite, em tulle palhetado cercada de aigrettes negras. Collar em contas de ambar separadas por anneis em brilhante e motivos de marfim incrustado. Fivella em brilhantes, para cabello. Motivo em brilhantes para collo. Bolsa em setim para noite, e lenço de sêda bordado e rendado. Luvas e echarpe azul marinha, com ponteação de branco. Bolsa e sapato em crocodilo. Cigarreira negra com incrustações de esmalte vermelho e amarello, isqueiro e piteira semelhantes.

S. PAULO DOS ARRANHA-CÉUS

Beatriz Delgado

LONGE vae o tempo em que era um emblema de miseria morar perto do Céu. Só os poetas se atreviam a viver numa velha e pobre agua-furtada que, se não exhibia elegancia, tinha talvez a vantagem de elevar o artista acima de muitos outros humanos quando a belleza

da sua poesia não tinha obtido esse milagre... E de tal maneira se enraizara nalguns espiritos o costume de alliar o poeta á agua-furtada que quando ouviam dizer que um artista habitava um commodo primeiro andar, comia todos os dias, tomava banho e se barbeava, andava

decentemente vestido e tinha credito no mercieiro já não era considerado um verdadeiro poeta. Verdade seja que fosse por coincidencia ou porque a miseria inspira melhor determinadas creaturas, o certo é que quasi todos os grandes artistas produziram melhor emquanto foram humildes. Guerra Junqueiro, para não citar o velho Camões, foi um exemplo desse caso. Emquanto viveu na miseria, foi o divino que todos apreciámos; depois, um casamento rico e uma herança deram-lhe a opportunidade de se refestelar nas doçuras do bem-estar e roubaram-lhe a scentelha que o fez conceber a *Morte de D. João*, *Os Simples* e outros livros egualmente bellos. A riqueza transformou-o: de um revoltado fez um beato, de um *Divino* fez um *grande* artista.

Pouco a pouco o tempo foi modificando essas ideias romanticas e dando aos artistas algumas opportunidades de fazer dinheiro. E as aguas-furtadas, sentindo-se abandonadas dos seus melhores apreciadores, foram-se adaptando aos gostos modernos e passo a passo foram

obtendo um logarzinho na alma dos burguezes. Primeiro foi a America do Norte que, sem ideiaes de poesia mas unicamente por falta de espaço, se lembrou dos arranha-céus. Ha quem diga que a Torre Eiffel não foi extranha a essa inspiração...

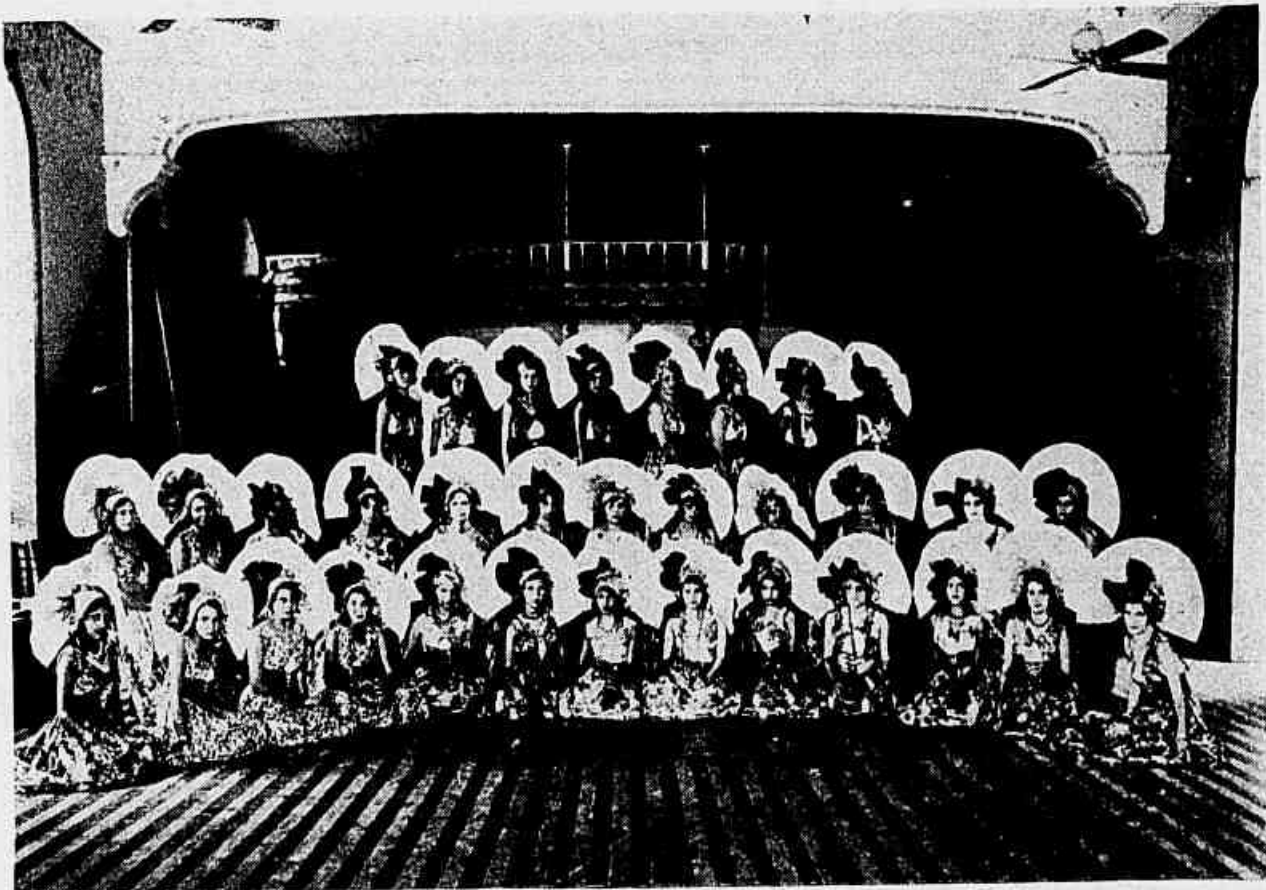
Depois, seguiram-se os outros paizes civilizados e ambiciosos de originalidades que, tendo ainda muito espaço quizeram no emtanto approximar-se das nuvens. Conta-se até uma historia: estava Jesus conversando com Pedro no Paraiso, quando umas fortes marteladas vieram interromper a agradavel palestra. Admirado da violencia dessas pancadas, que vinham alarmar a doce calma do Céu, Jesus perguntou: — Que barulho é este, Pedro? E Pedro, muito calmo, respondeu:— São os brasileiros que estão fazendo as suas casas. — Tão

perto do Céu? — perguntou. E Pedro disse, resignado: — E' verdade, Senhor. Mas os brasileiros são muito amaveis, Divino Mestre. Mandaram-me offerecer o cargo de porteiro e puzeram á Vossa disposição um appartamento muito claro, com todo o conforto moderno, elevador e electricidade...

Não diz a historia se foram os paulistas os generosos offertantes. Mas, sendo S. Paulo a cidade dos arranha-céus, é de suppôr que sim.

S. Paulo não tem vida nocturna. Só os cinemas e dois ou tres theatros emprestam um ambiente ao natural desejo de distracção daquelles que trabalharam todo o dia. De vez em quando, um concerto ou opera no Municipal e nada mais. Restam as festas elegantes que a sociedade se offerece mutuamente. E' talvez por isso que S. Paulo é quasi triste, á noite. Mas

fortes dóses de luz egualam S. Paulo ás cidades mais bonitas da Europa. Até a neblina, quando não é um frio excessivo, ajuda a illudir os estrangeiros perdidos nesta immensa Babilonia que é o Brasil. As ruas principaes estão cheias de luz e de predios elevados. Os proprios arranha-céus, com as suas dezenas de pequeninas luzes em cada andar, lembram-nos, ás vezes, que talvez as estrellas viessem até nós. Mas, se a noite traz a mais suave das calmas á bella cidade adormecida, a tarde torna-se esfusiante de alegria com os autos, as mulheres, os vendedores, as flores, os homens e, principalmente, com a seducção das suas vitrines. E' a hora do chá e do flirt. Milhares de homens e mulheres se cruzam e se namoram. Milhares de musicas languidas trazem uma fadiga doce ás almas sensiveis. E, nas ruas principaes ou nas ruas obscuras, centenas de arranha-céus inclinam-se curiosos para observar a vida dessa formosa cidade moderna: S. Paulo!

Beatriz Delgado

A "Caravana Rionegrina" animou Manáus nas festas carnavalescas de Fevereiro, com as 33 senhorinhas que reproduziram, no esplendor das festas da sociedade amazonense, a belleza das *victorias-régias* que boiam, sonhadoramente, nos rios soberbos da fascinante terra das Yáras.

Pensamentos

Não nos podemos orgulhar de ter comprehendido uma verdade, sómente quando não nos é possivel conformar a nossa vida.

MAETERLINCK

O maior beneficio que nos faz o amor é ter-nos feito acreditar no amor.

PAUL GÉRALDY

O automobilista, desculpando-se — Guio automovel ha mais de dez annos e é a primeira vez que atropelo alguem.

A victima — Quizera então saber porque logo me escolheu, a mim!

Preparar a defeza da sua patria é o primeiro dever de todo homem de Estado, e um bom preparo é uma garantia contra a aggressão.

Aquelle que desarma seu paiz, sem que os outros paizes façam o mesmo, não é pacifista; é um homem d'Estado que faz com o Acaso uma alliança podendo provocar as situações mais perigosas.

HERBERT HOOVER

(presidente dos Estados Unidos)

VIOLINO PARA ESTUDO

Um novo modelo ds violino para estudo: sómente o executante ouve o som do seu instrumento.

Uma torre de Babel

Dois architectos norte-americanos, os srs. Noyes e Schulte, pretendem construir em Nova York um "arranha-céu" para escriptorios, que attingirá 450 metros de altura.

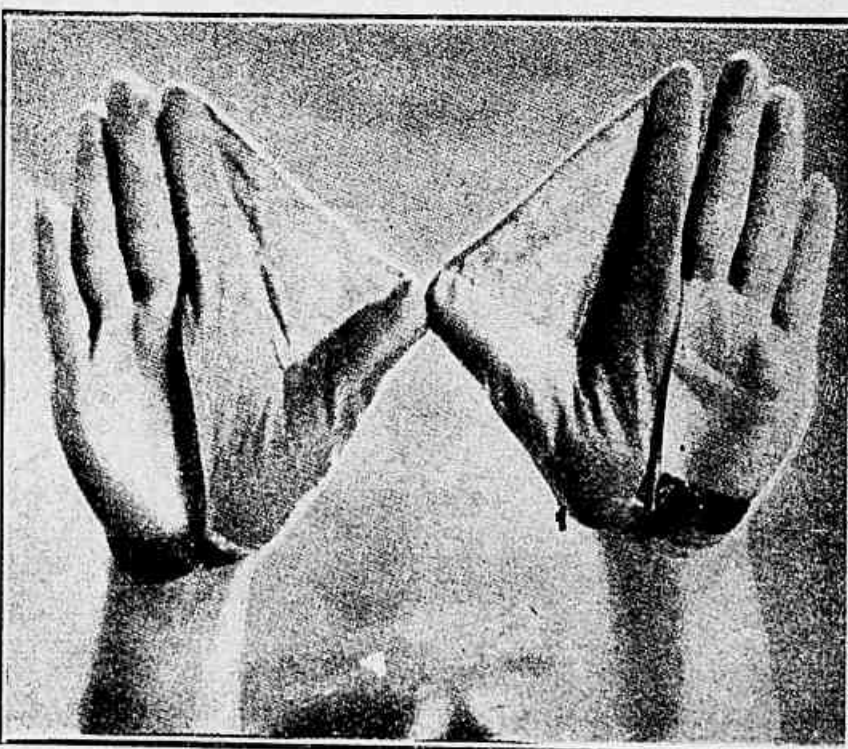
Está já comprado o terreno. Fica perto da antiga prefeitura de Nova York. Serão demolidas duas filas de predios, obtendo-se assim a superficie total de 103.000 pés quadrados ou seja perto dum hectare.

O tecto do edificio terá mais de 5.000 metros quadrados de superficie e servirá de terreno de aterramento para aeroplanos.

A futura Torre de Babel, como desde já lhe chamam, comportará 150 andares, tudo para escriptorios, e esse conjuncto fornecerá uma locação global de 50.000 metr s quadrados e abrigará uma população de patrões e empregados correspondente á duma cidade mais ou menos como Barbacena. Nada menos de 50.000 pessôas alli poderão trabalhar e 200.000 visitantes poderão entrar diariamente por uma porta central que terá 15 metros de largura e irá á altura do segundo andar.

Sessenta ascensores permittirão a toda essa população, estavel ou de passagem, subir em alguns segundos ao andar desejado. Vinte e cinco mil janellas diffundirão a luz através do enorme edificio em cuja limpeza e conservação se empregará um pessoal de muitos milhares de individuos, emquanto um corpo de policia manterá a ordem na casa-cidade e um serviço de bombeiros a defenderá contra o incendio.

Não serão exactamente 150 os andares da "Torre de Babel" mas sim 155, porque os alicerces enterrarão no solo cinco andares supplementares.

O edificio importará, ao todo, em 125.000 contos de réis.

Para nadar mais depressa foi inventada essa meia luva feita com tecido de seda. Será mesmo efficaz o seu uso?

O CARNAVAL DE 1931 EM NICE

O carnaval em Nice é proverbialmente original e animadissimo. A encantadora cidade do Mediterraneo, na floração perpetua de sua alegria, esplende mais ainda sob o reinado de Momo. Eis alguns aspectos da festa pagã na linda estação:

1 — Um mascarado — monstro hilariante.
2 — O bloco "Ils sont tremblants" desfilando pelas ruas.
3 — Um "corpo de bombeiros" original, com trombas proprias, que são optimas mangueiras.
4 — O cortejo dos "Leques da Rainha", em passeata.

FILIGRANAS

Paira na Avenida em silencio, quasi deserta, a quietude de um abatimento, após tres dias de delirio e loucura... Amanhece. A' margem das calçadas ainda rolam, em montões, tangidos pelo vento, pequeninos circulos multicôres de papel...

Fonfonam apressados, rangentes, os ultimos carros... E de todo o esplendor, de toda a algazarra e doidice da vespera nada resta... Vae começar de novo o jogo interminavel da hypocrisia, da inveja e do interesse, onde os homens procuram vencer com a mascara risonha e delicada da sociedade... Apenas um individuo resona tristemente, numa fantasia, á porta de um café.

Sózinho, meio tonto, elle falla comsigo, diz palavras que só elle comprehende... Agita as mãos enluvadas numa attitude de quem deseja prender alguma cousa que lhe foge... E chora e ri, e ri e chora... E' como se fôra um reflexo da vida verdadeira, alli jogado... E' Pierrot.

⁂

Inverno... Chove... Uma pequena, coitadinha, em andrajos, tiritando de frio, de pé numa esquina da Avenida, sorrí estendendo a mãosinha branca, como uma petala de camelia desfolhada, aos transeuntes, a implorar uma esmola... E o seu sorriso é tão meigo, é tão triste que diz todo o seu soffrer.

Dir-se-ia um mysterio pousar em seus labios pequeninos! E os seus olhos, olhos de sombra, olhos soffredores, parecem sorrir tambem, lagrimas a tremerem nos cilios pretos, empoeirados... A pobrezinha alli estava todo o dia desafiando a piedade humana com a sua miseria infantil. Porém uma tarde, quando sombras de ametysta alagam o céu e os pyrilampos do azul começam de scintillar, um senhor, cabellos brancos, guiado por um bastão, approximou-se della e proferiu:

— Dá-me uma esmola?... A pequena arregalou os olhos, espantada pela pergunta e prestou ouvidos, pois talvez que não tivesse percebido bem, até que a mesma phrase foi repetida. Elle então comprehendeu: era um cego, cego de nascença...

— Sou mais pobre do que o senhor... não tenho nada... pronunciou a creança.

— E que fazes aqui!?

— O mesmo que o senhor.

O pobre cego então exclamou:

— Como sou feliz, meu Deus, de nunca ter visto as desgraças do mundo...

E foram andando juntos pela estrada a fóra do Destino.

⁂

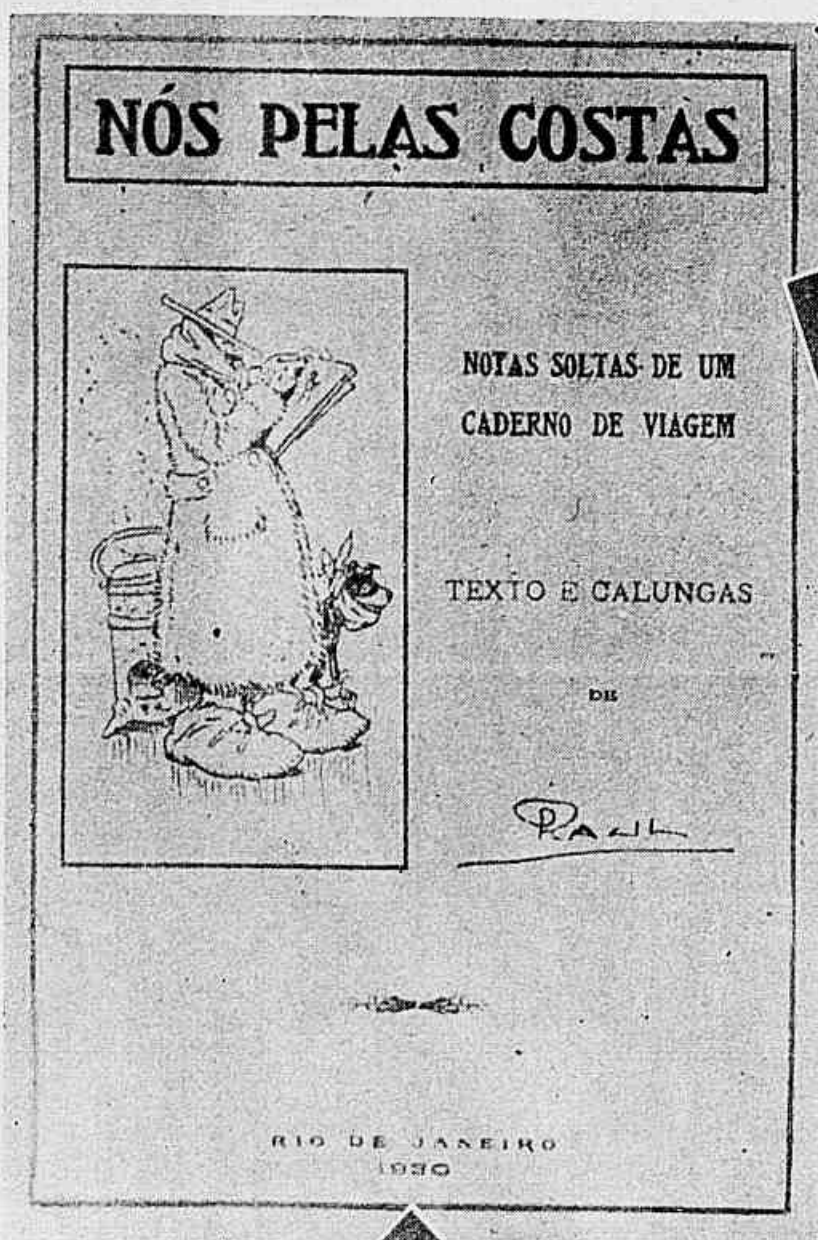
A noite, minha amiga, a noite é uma harmonia de sombras e silencio, coroada de estrellas...

⁂

Não, minha amiga. Estás enganada. O capital do homem não é aquelle que todo mundo julga, e sim outro e varios outros... O que pensas estar em primeiro lugar — o dinheiro — como disseste uma vez, está em ultim plano, vem longe, bem longe... O homem, minha amiga, para emprehender algo na vida conta com quatro capitaes poderosos: a coragem, a força de vontade, a persistencia e a esperança.

Por fim é que vem o grande metal sobre o qual o mundo gira como num eixo... E os homens não comprehenderam ainda...

PAULO NEREY

Livros Novos

NÓS PELAS COSTAS, de Raul

O grande caricaturista Raul viajou parte da Europa, tudo apanhando de relance, com o mesmo espirito critico que lhe serve para as suas *charges* quotidianas.

Andou por Paris, Athenas, Roma, como quem simplesmente percorre a rua Gonçalves Dias e vae observando aspectos familiares. Por toda a parte o excellente calunguista se sentiu em sua casa. Quando a admiração dos monumentos que os seculos e os millenios não ousaram ainda destruir, das obras de arte em que o homem dalgum modo se divinizou; quando o espectaculo da belleza genial o arrebatou acima de todas as analyses e todas as ironias, o humorista escreveu, em letra forçosamente tremula, no seu canhenho, phrases como esta: "Passámos duas horas contadas em frente ao Moysés, de Miguel Angelo."

Quanto ao resto, são traços fugidios; paisagens surprehendidas em quatro riscos; commentarios de toda uma politica ou toda uma administração condensados em algumas linhas; anecdotas, definições ou confrontos em *calembour*, toda a sorte de irreverencias e toda a sorte de pilherias. Ao demais, elle mesmo nos preveniu, nas primeiras paginas, de que não ia descrever-nos cathedraes nem criticar, uma a uma, as obras primas dos museus; e que dos panoramas, quer agrestes quer urbanos, nada diria de documentado e ponderoso — mesmo para não fazer concorrencia aos guias da especialidade...

O que, portanto, nos cumpre é ler e apreciar *Nós pelas costas* com o criterio que presidiu á sua factura: levemente e sorrindo. Assim considerado, é um livro deveras valioso e perfeitamente *réussi*.

FARRAS COM O DEMONIO — João de Minas — (*Rio, 930*). — Capa de Orozio Belem.

Maravilhoso, o colorido forte e vibrante com que João de Minas pinta as "Farras com o Demonio". Maravilhoso, porque são as cousas communs ditas de modo incommum! E como sabe dizel-as o estylista, que empolga e traz acorrentada ao livro a attenção do leitor até á ultima pagina...

Raras vezes os motivos deliciosos de nossa gente e de nossa terra têm tido quem os descreva com a mesma fulgurante magia e com a mesma encantadora simplicidade. E não é só. A observação aguda do escriptor põe a nú verdades, tão profundas quanto as grótas verdejantes que elle tantas vezes viu!

"Farras com o Demonio", ainda que o não dissesse o autor, é um livro verdadeiro e sincero. E ha tanta cousa apparentemente inexplicavel na Verdade que muitas vezes nos persuadimos de que não é ella que nossos olhos vêem e nossa mão detém...

Um escriptor completo. Desde a desenvoltura com que joga as scenas, até á propriedade impeccavel das palavras e das phrases, com que as interpreta. E, em tudo e sobre tudo, uma ironia perspicaz e fina que talvez seja a face basica de sua personalidade esthetica. Não precisa de louvores o sr. João de Minas. O valor não pode estar na dependencia de uma simples homologação.

VERTIGEM — Martins Capistrano — (*Rio, 1930*).

O sr. Martins Capistrano é um escriptor fino e attrahente, bastante pessoal nos seus conceitos e naturalissimo nas scenas com que anima as theses que desenvolve. Seu ultimo livro, *Vertigem*, que esta redacção aprecia tardiamente mas com redobrado prazer espiritual, é uma collectanea de contos leves, esplendidamente tecido por uma imaginação pujante e, o que é principal, sadía. E' uma obra de puro modernismo, porque espelha fielmente a alma da época latejando na vida social, creando typos e factos, plasmando a psychologia tumultuaria que temos vivido. Mas um livro de modernismo verdadeiro, real cheio de bellezas e de deslumbramentos, sem precisar das artificialidades e dos exaggero de essencia e fórma para fazer arte e fazer gloria. Victoria magnifica é a que obteve com elle o sr. Capistrano. Mostrou exuberantemente que é possivel ser artista sem ser utopista. A esthesia é assim mesmo: vê onde os outros não vêem e sente o que parece imperceptivel. Mas vê e sente a realidade dos motivos que ella transforma, milagrosamente, com o só poder da intuição. E isto o sr. Capistrano fez de sobra, com largas vantagens sobre qualquer outro. O livro não é, apenas, uma delicia mental. Mais do que isto, é a affirmação de uma mentalidade.

OS MELANCOLICOS POEMAS DO DESEJO E DA RENUNCIA, por Eduardo Tourinho.

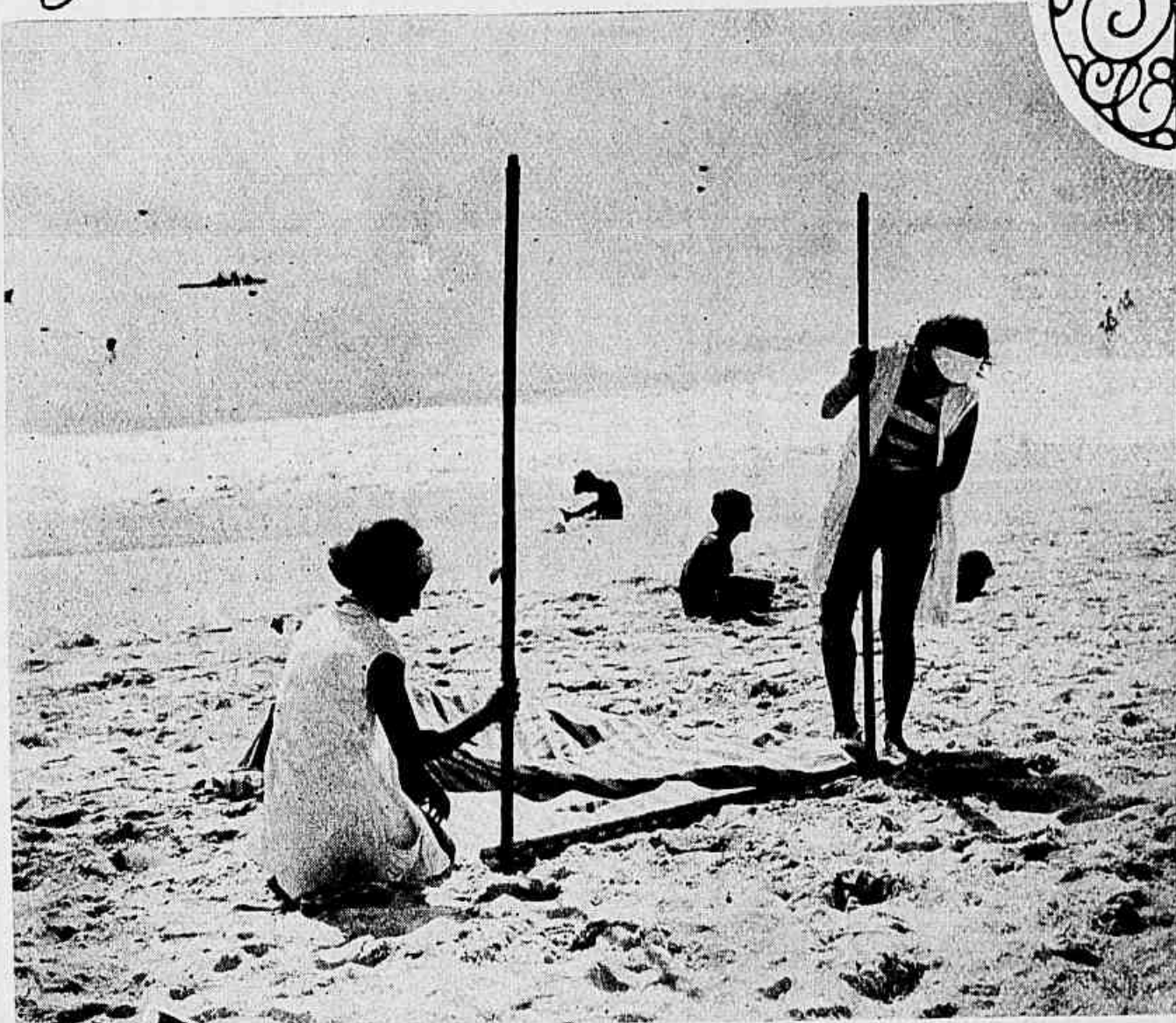
Eduardo Tourinho é um poeta de emoções singulares, requintadas. Sente a vida e tudo o que ella pode offerecer, numa especie de excitação orgulhosa e intransigente. Por esta maneira de ser, exagera todas as bellezas e todas as miserias, todos os triumphos e todas as dores. Está assim condemnado a uma existencia de febre, em que não faltarão as horas para todos os outros mortaes invejaveis, mas que forçosamente lhe hão de infligir angustias ferozes e duvidas sem conta...

Mas Eduardo Tourinho é, repetimos, um poeta; e, discipulo — modernissimo embora — do velho Goethe, vae convertendo em belleza verbal os tumultos e maguas do seu coração. Este livro, que offerece no proprio aspecto o exagero e o refinamento da inspiração do autor, encerra uma série de capitulos que se lêem com fino enlevo e, para o fim, com intensa commoção. Não se pode resistir de espirito sereno ao poder daquella exaltada, por vezes um tanto desgrenhada, mas sempre nobre e pura sinceridade. E, com o sentimento do leitor, dir-se-ia que o proprio estylo e a propria fórma graphica adoptados pelo artista se vão adaptando ao preceito de Goethe, e que as linhas se medem, se cadenciam, e as rimas musicalmente se correspondem, para compôr aquelle "poema" em que, através das gerações litterarias e acima de todas as correntes e todos as escolas, se tem refugiado e sempre buscará consolar-se o soffrimento humano.

EL CENTAURO DE YBICUI, do general Mario Barreto. — Capa de Alberto Lima — (*Rio*).

Já nos deu o general Mario Barreto "A campanha Lopezguaya", obra de historia e de militarismo que veio enriquecer as letras patrias. Offerece-nos agora "El centauro de Ybicui", em que respiga a obra de O' Leary que tem o nome que tomou de emprestimo para esta obra de critica. A quem se interesse pela verdade historica não pode deixar de impôr-se esta obra, que é pujante e attrahente prova da já consagrada illustração de seu autor.

As praias, no fim do Verão

Vai findando o Verão :
porém Copacabana continúa
linda como um deslumbramento !
E, quantas vezes, um roupão
descobre maravilhas, si fluctúa
levado pelo vento...

Erguem-se logo os tôldos de agasalho,
as barracas de lona, sobre a areia ;
e, em pouco, na azafama do trabalho,
toda a praia está cheia...

Mas o melhor do banho são aquellas
horas em que, no leito das areias,
— a sorrir, a pensar —
todas ellas parecem, todas ellas,
deslumbrantes sereias
que descansam ao sol, á beira-mar.

...E, dentro d'agua, a esplendida delicia
da liberdade e da satisfação !
— porque o regulamento da Policia
céde defronte da "arrebentação"...

E é tanta gente, tanto riso, tanta
belleza estranha, que surprehende e encanta,
que nem parece o fim deste Verão !

O JUBILEU BRIAND

POR ESCRAGNOLLE DORIA

ENTRE hebreus sujeitos á lei mosaica, o jubileu era, de meio seculo em meio seculo, solemnidade publica. Remía todas as dividas, culpas e castigos, fazia entrar na posse de heranças, alforriava a escravos.

Do povo eleito de Deus, depois deicida, a palavra não passou para as linguas com significado tão amplo como o primitivo, embora para os catholicos os annos de jubileu concedessem e concedam indulgencia plenaria.

Por extensão ficou jubileu palavra reservada ao celebrar de cincoenta annos matrimoniaes ou do exercicio de funcções publicas.

A França republicana celebra n'este momento um jubileu politico, o de Aristides Briand, o homem indispensavel ou pelo menos não dispensado ainda da politica franceza.

Notas telegraphicas annunciam ao mundo inteiro a longa carreira politica de Briand, assignalando as suas trinta e seis eleições ao parlamento francez, a sua presença quasi continua em gabinetes e gabinetes, na presidencia do conselho ou fóra d'ella.

A separação da Igreja e do Estado, precipitada pela ruptura das relações diplomaticas entre França e Vaticano, em 1905, começou a projectar maior luz sobre a figura de Briand, então deputado socialista pelo departamento do Loire.

Briand defendia a idéa da separação da Igreja e do Estado sanccionada em Dezembro de 1905, não sem o protesto de Pio X na encyclica *Vehementer nos*.

Foi isso na presidencia septennal de Emilio Loubet, substituido por Armando Fallières no cargo de primeiro magistrado da primeira nação do mundo, para muitos.

No segundo ministerio da presidencia Fallières, o gabinete Sarrien, Briand figurava, ministro da Instrucção Publica e dos Cultos. Tinha collega ministro pela primeira vez, nada menos que Clemenceau. Opposicionista terrivel, cabia d'esta vez ao *Tigre* defender-se do alto do poder, d'ahi lanhando adversarios. Curioso seria saber ao certo o que se passa na alma de quantos vivem a combater os outros quando por sua vez são combatidos. Fica para tormento de psychologos.

A presença de Briand no gabinete Sarrien offerecia grande significação. Na pasta dos Cultos devia caber-lhe a tarefa de cumprir um ponto do programma ministerial, "defender as conquistas leigas obtidas desde a fundação da terceira Republica Franceza"—inviavel esta se não fôra a resistencia do conde de Chambord á bandeira tricolor.

Ao ministerio Sarrien, que assistio á rehabilitação Dreyfus, seguio-se o ministerio Clemenceau. N'elle Briand continuou a dirigir a pasta dos Cultos, sempre ás voltas com as consequencias da lei de separação.

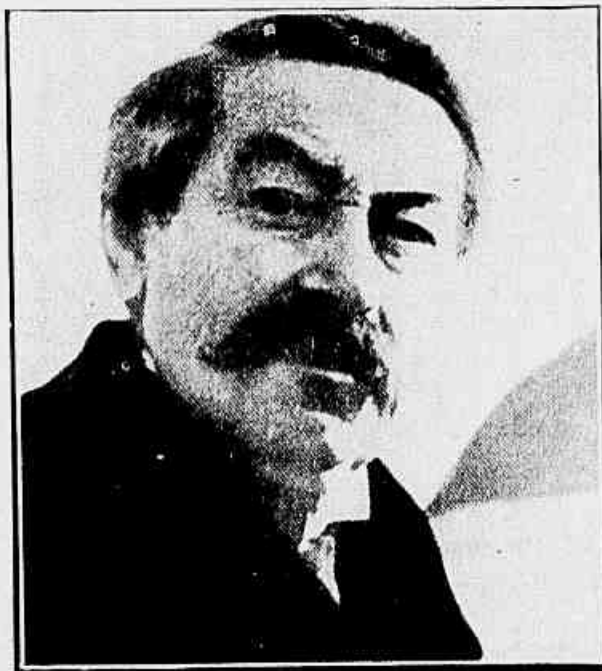
Emquanto a Igreja e o Estado, isto é os homens, se desuniam, uniam-se as mulheres para a campanha do feminismo, pregada por Olympia de Ganges na Revolução Franceza.

André Godin, masculinamente, estimava cabivel á mulher o direito de compôr o Senado, reservando-se ao sexo forte o direito de compôr e eleger a Camara dos Deputados.

O ministerio Clemenceau foi abaixo, por ter o *Tigre* mettido as garras em Delcassé. A Camara dos Deputados, no máo humor de moção de desconfiança, obrigou o *Tigre* á retirada da presidencia do conselho.

O proprio Clemenceau, porém, aconselhou Fallières a confiar a nova presidencia do conselho a Briand. Organizou este ministerio, ficando com a pasta do Interior e Cultos.

Diante da Camara dos Deputados, Briand declarou querer ser "o homem desejoso de adaptar-se á funcção" e sem saber fez auto-prophecia, pois se adaptando á funcção de ministro até hoje n'ella tem permanecido annos e annos.

Primeira vez presidente do conselho em 1909, segunda em 1910, coube a

Aristides Briand.

Briand e ao seu ministro de Estrangeiros, Pichon, que o Brasil conheceu ministro de França no Rio de Janeiro, receber, em Cherburgo, Nicoláo II. Pobre czar, o futuro lhe substituiria a corôa de todas as Russias pela corôa de todos os martyrios. Mas em Agosto de 1909 os espinhos ainda estavam fóra de fronte e Nicoláo II tinha sómente diante de si, cortezmente inclinado, Armando Fallières, presidente da Republica Franceza, vindo aos molhes de Cherburgo.

Até ao ministerio Poincaré, de Janeiro de 1912, Briand descançou um pouco fóra de poder. Findas, porém, férias de governo no gabinete Poincaré, recebendo n'elle a vice-presidencia do conselho e a pasta de Justiça, já exercida no gabinete Clemenceau.

Todos os ministros do gabinete Poincaré pertenciam a grupos parlamentares, Poincaré ao da União Republicana do Senado. Briand não se filiou a grupo algum, participando independente de todas as aggressões das quaes foi alvo o ministerio Poincaré.

A 17 de Janeiro de 1913, a Assembléa Nacional, em Versalhes, elegia Poincaré presidente da Republica no mesmo palacio onde tivera zenith e crepusculo o Rei Sol.

Briand, pela terceira vez, ainda na presidencia Fallières, voltava á presidencia do conselho. N'esse momento, na Europa, o ramo classico da oliveira parecia dever ser substituido pela não menos classica corôa de louros da guerra.

Não tardou a segunda corôa, com a Conflagração, destinada a deitar nos cemiterios de toda a Europa cadaveres de gente de quasi todo o universo, chamados a morrer juntos o anglo-saxão dos Estados Unidos e o negro de Madagascar.

Desde 1911, desde a crise chamada de Agadir, na qual a canhoneira *Panther* teve papel, e o teve tambem no Brasil, em Santa Catharina, a paz na Europa estava por um fio.

Por culpa ou cumplicidade da policia na Bosnia, em Serajevo, o revólver de Printsip cortou o fio, assassinando o archiduque herdeiro da Austria, Francisco Fernando, e sua mulher.

O incidente tragico pareceu a principio não ter consequencia maior. Mas de chancellaria para aqui, de chancellaria para alli, de chancellaria para lá, nasceu a Conflagração pela ordem de mobilização parcial do exercito austriaco contra o servio. As gottas de sangue de Serajevo iam perder-se no oceano de sangue da guerra de toda a Europa.

O governo allemão dispoz-se logo a ella, proclamando-a com uma das palavras de não acaba mais da lingua germanica, dezenove lettras para o "perigo do estado de guerra" ou o kriegsgefahrzustand.

Briand teve de participar do perigo annunciado pelas dezenove lettras e até hoje, no poder, se acha ás voltas com os effeitos das terriveis causas da Conflagração, havendo-se porém com tanta habilidade entre as cousas da guerra que lhe foi já attribuido o premio Nobel, todo paz.

Mas recuemos para o passado, ajuntando pequena nóta brasileira ao jubileu Briand.

A 8 de Fevereiro de 1912, Victor Margueritte tomava a penna, creadora de tantos livros, para escrever *petit-bleu* a um seu amigo brasileiro, de amizade feita no apreço commum de Edmundo de Goncourt. Não vale a pena citar o nome daquelle brasileiro.

Perguntava Victor Margueritte ao amigo se estava livre na noite de 13 de Fevereiro, convidando-o para jantar em sua casa, sem ceremonia alguma.

Accrescentava Margueritte que elle e o amigo poderiam, após o jantar, ir á casa de Henri Turot. Justamente na noite de 13 de Fevereiro, Turot dava recepção, para a qual convidara muitos brasileiros; Margueritte fôra encarregado por Turot de transmittir convite, manifestando Margueritte prazer em conduzir o amigo brasileiro á casa de Turot.

E concluia Margueritte o *petit-bleu* com palavras amaveis: "Espero estará livre. Sentar-nos-emos á mesa ás oito menos um quarto. Dê-me um bom sim".

Findo o jantar, no hospitaleiro lar Margueritte, o romancista e o brasileiro dirigiram-se á casa de Turot. Trajecto não pequeno, de Passy ao centro de Pariz, por noite de inverno, céo escuro, vertendo garôa, a empapar as ruas de lama escorregadia.

Em casa de Turot bastante gente, conversas animadas, sala aquecida por bom fogo de lareira. Alguem attrahia attenção e attenções: Briand, ministro da Justiça do gabinete Poincaré.

Era homem forte, de cara energica, olhos vivos, sobrancelhas cerradas, grandes e grossos bigodes, lembrando seu tanto os de Humberto I da Italia, n'uma d'essas physionomias que se gravam logo, bem, para sempre.

Finda a recepção, ainda algumas pessôas, a convite do dono da casa, ficaram a palestrar, entre ellas Briand, Margueritte e o brasileiro, todos proximos ao fogo crepitante da lareira.

Briand orador tornou-se Briand conversador, e conversar é arte difficilima de oratoria discreta, se esfusiante. Não faltam á conversação assumptos do dia e até malicias tão proprias de francezes. Briand sublinhava-as com risos grossos e francos de inteira communicabilidade. E' pena não podermos repetir algumas d'aquellas malicias, uma sobretudo, mas...

No jubileu Briand, entre as homenagens da Europa, fique memorada aquella noite de Pariz, *au coin du feu*, quando o grave ministro se esquecia do cargo, apenas legitimo francez servindo-se de uma lingua que sabe tão bem ser de majestade para o sublime como de incomparavel subtileza para o sarcasmo, primaz no commover e no zombar, a descer tanto do pulpito de Bossuet como da cathedra de ironia de Voltaire.

Escragnolle Doria

Mercredi 8

80, RUE DE PASSY

Cher Monsieur

Êtes-vous libre lundi soir 13 février, et voulez-vous nous faire le plaisir de venir dîner avec nous, sans aucune cérémonie? Nous pourrions, après le dîner, nous rendre chez Henri Turot, qui reçoit précisément ce soir, et chez qui se trouveront de nombreuses personnalités brésiliennes. Je suis chargé par lui de vous transmettre son invitation. Ce serait, après le dîner, un plaisir pour moi que de vous amener chez lui... J'espère que vous serez libre. Nous nous mettrions à table à 8 heures moins le quart. Bien vôtre?

Victor Margueritte

Um autographo de Victor Margueritte (Collecção E. D.)

Cheque ao rei dos "cangaceiros"

O capitão Carlos Chevalier, que chefiará a expedição militar encarregada de aprisionar "Lampeão".

Parece que, desta vez, os poderes publicos encaram com a merecida attenção e com o interesse necessario a repressão do cangaço. O cangaço nasceu, no nordéste, como a herva damninha que se aproveita da feracidade do sólo e da falta de cuidados do homem. Populações inteiras, quasi completamente abandonadas pelo Estado, á sorte de seus proprios recursos, sem instrucção, sem conforto, sem justiça, sem o proprio conhecimento das forças tutelares para quem se devem dirigir seus appellos, teem visto, ha longos annos, a praga do banditismo lavrar assustadoramente pelo interior abandonado, mãos dadas aos flagellos naturaes que, periodicamente, assolam a terra e roubam a saúde e a vida. De modo positivo, nunca os governos cuidaram de exercer sua funcção precipua de mantenedores da ordem juridica e da ordem publica. O que sempre se viu foi a displicencia manifesta em face do cangaço, quando não a connivencia inqualificavel. Agora, porém, está em vesperas de partir para o nordéste a primeira expedição militar que se destina ao exterminio do banditismo. Chefia-a o capitão do Exercito Carlos Chevalier, que elabora os ultimos planos, de accordo com o ministro da Justiça, sr. Oswaldo Aranha. E' mais directamente visada a horda do celebre "Lampeão" (Virgolino Ferreira, a qual é, na palavra official do relatorio apresentado ao Governo pelo chefe da expedição, "o centro principal do cangaço" porque "os demais grupos existentes vivem, em verdade, na dependencia de Lampeão".

Actualmente Lampeão possúe 150 homens, dos quaes 30 formam seu estado maior, que é chefiado por seu irmão Antonio Ferreira, famoso bandido tambem. Optimamente montados, armados em geral de *rifle*, mas muitos de fusil *Mauser* e mosquetões, que são armas privativas das forças officiaes, possuindo, em média, 800 a 1.000 tiros por homem, profundos conhecedores da caatinga, onde se escondem quando perseguidos, vão offerecer, naturalmente, uma resistencia sobrehumana de que já tivemos uma prova edificante na celebre campanha de Canudos. O capitão Chevalier transportará para o local da campanha cerca de mil homens que agirão em grupos volantes auxiliados pelas estações radiotelegraphicas e por um perfeito serviço de localização topographica de que se encarregará o engenheiro Americo Novaes, nosso confrade, que seguirá com a expedição. Está em cheque o rei dos cangaceiros. Praza a Deus que seja o chequemate, desta vez...

MAPPA DA ZONA INFESTADA POR "LAMPEÃO" E SEU BANDO.

Mappa da zona infestada por "Lampeão", abrangendo as regiões sertanejas do Ceará, R. G. do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe; grande parte do interior da Bahia e parte do Piauhy.

O celebre bandido Virgolino Ferreira, o "Lampeão", rei dos cangaceiros do nordeste.

Grupo de cangaceiros da horda de "Lampeão", vendo-se o rei do cangaço de oculos pretos, no centro do grupo, armado de mosquetão *Mauser*.

O bandido Antonio Ferreira, irmão de "Lampeão" e chefe de seu estado-maior.

NA NUDEZ DAS SELVAS

Na nudez das selvas, a nudez dos selvagens tem encantos inéditos para a sensibilidade do homem civilizado. A grandeza das florestas virgens é um scenario magnifico em que brinca a simplicidade e o primitivismo do incola. E' um outro Brasil, o que se vê alli: embalado no rithmo das rêdes de tucum, ou fazendo a igarité singrar velozmente o curso volumoso dos rios... A febre da civilização só consegue a custo perturbar a sésta indolente dos colossos bronzeados que nasceram ao lampejar dos raios, na selva assombrada, e que cresceram entre os gorgeios dos passaros e os miados da sussuarana. Estas cinco photographias surprehenderam as selvas em toda a sua grandiosa nudez. Cedeu-no-las o coronel Amilcar Botelho de Magalhães, autor dos livros "Impressões da Commissão Rondon" e "Pelos Sertões do Brasil". São maravilhosas pelo que mostram de espontaneo e simples. Ao alto da pagina, os selvicolas impellem as pirogas sobre as aguas do Curisevu, rio da bacia do Xingú. Em baixo, á esquerda, um instantaneo da expedição do capitão Vasconcellos nas bacias deste rio e do Ronuro. O cacique dos Maurás e sua esposa — Adão e Eva das florestas virgens brasileiras — se vêem ao centro, á esquerda, e em baixo, á direita. Por fim, uma vista, que se nos afigura unica, ao centro e á direita da pagina: — o embalo nas rêdes. Raras vezes se terá podido surprehender o habitante das selvas nessa attitude tão natural e tão suggestiva. Ahi estão elles, os filhos da terra virgem do paiz, sob a delicia cariciosa de uma natureza que os domina inteiramente e os enleia como os liames do cipó e como a amplitude da liberdade.

GANDHI — O IDOLO INDIANO

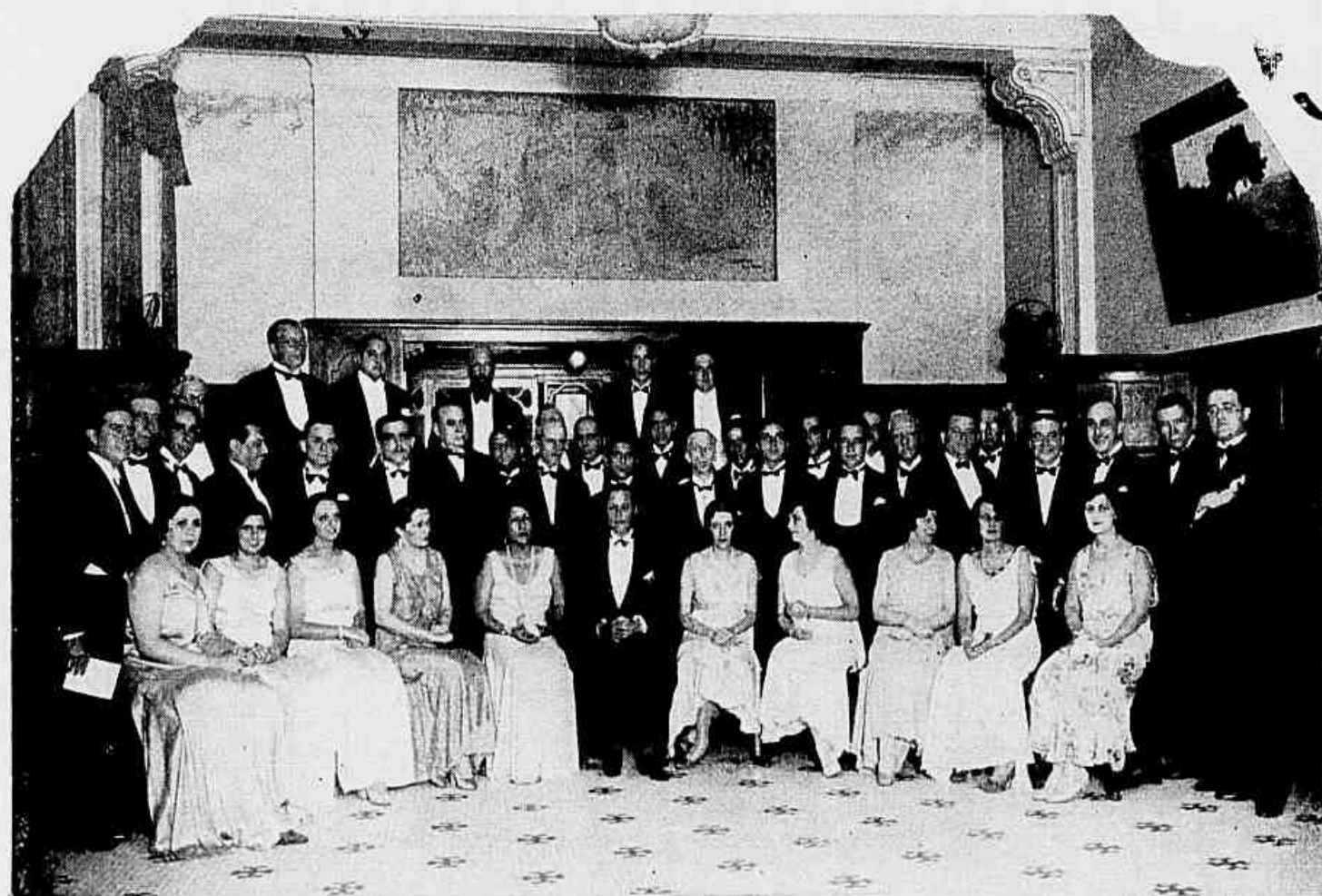
FRACO, velho, feio, inerme, myope, desdentado, alimentado sobriamente, pobremente vestido — eis o heróe da actualidade; o phenomeno humano que mantém em cheque o poderoso Imperio da Grã-Bretanha.

Gandhi quer a liberdade politica e economica para seu povo. Gandhi a **quer!** Desde que se poz em marcha para conseguil-a, não se deteve um dia, nem uma hora, nem um minuto! Sua força physica é insignificante; mas a força moral — que é a que move a vida e a que domina e rege os destinos da humanidade — existe, em Gandhi, formidavel e invencivel...

A Grã-Bretanha e o mundo inteiro sabem que ninguem poderá curvar e submetter a esse homem franzino.

Porque elle é a *vontade:* o mais poderoso exercito que existe! As centenas de milhões de habitantes da India Ingleza marchariam sob o commando de Gandhi até ao fim. Gandhi se transmudou, se transfigurou "naquelle que não morre..."

A Grã-Bretanha, em sua proverbial sabedoria politica e em sua finura diplomatica, o reconheceu. Tanto que não sómente respeitou sua vida physica como até recentemente, depois de lhe haver outorgado a liberdade, transigiu com innumeras concessões aos nacionalistas que desde um anno atrás vinham persistindo na campanha pacifica, mas decidida, da desobediencia civil.

O tratado Gandhi-Irwin, que veiu conceder aos nativos os direitos á exploração do sal para uso proprio, á recuperação dos bens confiscados por força do movimento subversivo e ao policiamento dos estabelecimentos de bebidas e tecidos estrangeiros, foi o inicio de uma esplendida victoria de idéas. Qualquer outro povo com qualquer outro "leader" os conquistaria a tiros de canhão. A India o conseguiu com Gandhi pela força mysteriosa do pensamento e pela suggestão do inapprehensivel: — Gandhi cáe de joelhos... Reza. A multidão o segue fanatizada. E a ladainha de Gita — a Biblia Indú — é o hymno de guerra do Ganges!...

Um grupo de consocios e amigos do dr. Arnaldo Guinle lhe offereceu no Fluminense F. C. um banquete que se realizou na semana passada, reunindo no elegante gremio da rua Alvaro Chaves figuras de alta distincção da sociedade carioca. Após esse banquete a nossa objectiva fixou um grupo dos que a elle compareceram (ao alto, á esquerda) e, como se realizasse um lindo saráu dançante nos salões do "tricolor", o homenageado posou em seguida para nosso photographo, entre senhoras e senhorinhas que abrilhantaram o baile (ao lado). O cliché que encima estas linhas dá um aspecto dos salões do Fluminense durante as danças.

Cheque ao rei dos "cangaceiros"

O capitão Carlos Chevalier, que chefiará a expedição militar encarregada de aprisionar "Lampeão".

Parece que, desta vez, os poderes publicos encaram com a merecida attenção e com o interesse necessario a repressão do cangaço. O cangaço nasceu, no nordéste, como a herva damninha que se aproveita da feracidade do sólo e da falta de cuidados do homem. Populações inteiras, quasi completamente abandonadas pelo Estado, á sorte de seus proprios recursos, sem instrucção, sem conforto, sem justiça, sem o proprio conhecimento das forças tutelares para quem se devem dirigir seus appellos, teem visto, ha longos annos, a praga do banditismo lavrar assustadoramente pelo interior abandonado, mãos dadas aos flagellos naturaes que, periodicamente, assolam a terra e roubam a saúde e a vida. De modo positivo, nunca os governos cuidaram de exercer sua funcção precipua de mantenedores da ordem juridica e da ordem publica.

O que sempre se viu foi a displicencia manifesta em face do cangaço, quando não a connivencia inqualificavel. Agora, porém, está em vesperas de partir para o nordéste a primeira expedição militar que se destina ao exterminio do banditismo. Chefia-a o capitão do Exercito Carlos Chevalier, que elabora os ultimos planos, de accordo com o ministro da Justiça, sr. Oswaldo Aranha. E' mais directamente visada a horda do celebre "Lampeão" (Virgolino Ferreira, a qual é, na palavra official do relatorio apresentado ao Governo pelo chefe do expedição, "o centro principal do cangaço" porque "os demais grupos existentes vivem, em verdade, na dependencia de Lampeão".

Actualmente Lampeão possúe 150 homens, dos quaes 30 formam seu estado maior, que é chefiado por seu irmão Antonio Ferreira, famoso bandido tambem. Optimamente montados, armados em geral de *rifle*, mas muitos de fusil *Mauser* e mosquetões, que são armas privativas das forças officiaes, possuindo, em média, 800 a 1.000 tiros por homem, profundos conhecedores da caatinga, onde se escondem quando perseguidos, vão offerecer, naturalmente, uma resistencia sobrehumana de que já tivemos uma prova edificante na celebre campanha de Canudos. O capitão Chevalier transportará para o local da campanha cerca de mil homens que agirão em grupos volantes auxiliados pelas estações radiotelegraphicas e por um perfeito serviço de localização topographica de que se encarregará o engenheiro Americo Novaes, nosso confrade, que seguirá com a expedição. Está em cheque o rei dos cangaceiros. Praza a Deus que seja o chequemate, desta vez...

MAPPA DA ZONA INFESTADA POR "LAMPEÃO" E SEU BANDO.

Escala em kilometros

Mappa da zona infestada por "Lampeão", abrangendo as regiões sertanejas do Ceará, R. G. do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe; grande parte do interior da Bahia e parte do Piauhy.

O celebre bandido Virgolino Ferreira, o "Lampeão", rei dos cangaceiros do nordeste.

Grupo de cangaceiros da horda de "Lampeão", vendo-se o rei do cangaço de oculos pretos, no centro do grupo, armado de mosquetão *Mauser*.

O bandido Antonio Ferreira, irmão de "Lampeão" e chefe de seu estado-maior.

NA NUDEZ DAS SELVAS

Na nudez das selvas, a nudez dos selvagens tem encantos inéditos para a sensibilidade do homem civilizado. A grandeza das florestas virgens é um scenario magnifico em que brinca a simplicidade e o primitivismo do incola. E' um outro Brasil, o que se vê alli: embalado no rithmo das rêdes de tucum, ou fazendo a igarité singrar velozmente o curso volumoso dos rios... A febre da civilização só consegue a custo perturbar a sésta indolente dos colossos bronzeados que nasceram ao lampejar dos raios, na selva assombrada, e que cresceram entre os gorgeios dos passaros e os miados da sussuarana. Estas cinco photographias surprehenderam as selvas em toda a sua grandiosa nudez. Cedeu-no-las o coronel Amilcar Botelho de Magalhães, autor dos livros "Impressões da Commissão Rondon" e "Pelos Sertões do Brasil". São maravilhosas pelo que mostram de espontaneo e simples. Ao alto da pagina, os selvicolas impellem as pirogas sobre as aguas do Curisevu, rio da bacia do Xingú. Em baixo, á esquerda, um instantaneo da expedição do capitão Vasconcellos nas bacias deste rio e do Ronuro. O cacique dos Maurás e sua esposa — Adão e Eva das florestas virgens brasileiras — se vêem ao centro, á esquerda, e em baixo, á direita. Por fim, uma vista, que se nos afigura unica, ao centro e á direita da pagina: — o embalo nas rêdes. Raras vezes se terá podido surprehender o habitante das selvas nessa attitude tão natural e tão suggestiva. Ahi estão elles, os filhos da terra virgem do paiz, sob a delicia cariciosa de uma natureza que os domina inteiramente e os enleia como os liames do cipó e como a amplitude da liberdade.

O HOMEM DO SECULO XX

POR PAULO GAMA

DESENHO DE ALBERTO LIM

“NÃO sabe quem eu sou, não é verdade? Faz, apenas, uma ligeira idéa de mim... Como quasi todos. Vivem commigo, tropeçam commigo nas ruas, encontram-me nos salões, nas salas de conferencia, nos laboratorios, nas fabricas, nas usinas, nas redacções de jornaes. Lêem meu nome gravado nas columnas das ultimas revistas, vivem de minha actividade, dependem de meu engenho, mas raras vezes se dão ao trabalho de procurar conhecer-me na plenitude de minha expressão. Cada qual se contenta em conhecer, de mim mesmo, a face que lhe aproveita. Mais nada. Muito poucos são os que procuram ver-me na universalidade em que consisto.

E, diante de mim, o Homem do Século XX múltiplicava as phrases, nervosamente, com gestos largos de dominador.

— O segredo de minha força é conhecido e veiu como uma herança que cuidadosamente aperfeiçoei.

Não foram poucos os sacrificios. No grande tablado das experiencias gastou-se tempo, sacrificaram-se vidas, encaneceram cabeças e desfizeram-se grandes illusões. Uma lucta de séculos, em que a humanidade empregou todas as reservas da paciencia e da sagacidade. Mas venci.

Hoje, domino os mares, conquisto o espaço e realizo sobre os continentes verdadeiras maravilhas de prestidigitação! A natureza quasi não tem segredos para mim. Intervenho no mundo do infinitamente pequeno como se meus sentidos se retrahissem illimitadamente em extensão para se dilatarem em delicadeza. Na physica, na chimica, na biologia, a minha vontade impõe novas forças que aproveitam as leis como fôr necessario. Não ha ordem de phenomenos em que minha personalidade não actúe, nem ha subtilezas que eu não consiga com o só poder de meu genio... A electricidade, que eu aproveito sob todas as formas e applico como a grande formula de resolver, alterar e construir, é o segredo de minha força inconcebivel, que me dá as possibilidades de Hercules, como si eu fosse um deus!

...Realmente, ella propria, a electricidade, parecia desprender-se, em effluvios, dos gestos, do olhar, da pelle do Homem do Século XX... Os cabellos revoltos suggeriram-me a visão das escovas geradoras e a animação dos movimentos pareceu-me determinada por descargas intermittentes! Era uma pilha em acção!

— O senhor é um contemporaneo. Ha de saber de mim, forçosamente. Vive da mentalidade que eu represento e suas necessidades de toda ordem são satisfeitas pela acção continua de minha capacidade. Mas, com certeza, o senhor ainda não se demorou em pensar, maduramente, sobre minha expressão integral. Preciso de mostrar-lhe, como um testemunho indesmentivel, a generalidade de minha força, que ha de ser a gloria do nosso século! E' facil. Em um simples golpe de vista o senhor abrangerá o planeta inteiro e poderá scientificar-se de que elle ainda não viveu uma idade tão brilhante como a que está vivendo... E' facillimo... Venha commigo...

E eu me deixei levar, estupefacto!

⁂

Quando abri os olhos, extasiei-me na contemplação da grande maravilha!

Sobre os continentes e sobre os mares, nas entranhas da terra e no meio das nuvens, uma visão grandiosa de deslumbramento escrevia, em scentelhas, em faiscas, em auréolas luminosas, todo o poema do Progresso! Torres gigantescas e usinas formidaveis emergiam do sólo como monumentos fantasticos que a mão humana erguesse miraculosamente! E, dellas, um aranhol de fios extensos partiam, entrecruzando-se, reticulando-se, fundindo-se e ramificando-se caprichosamente, como si os nervos do mundo se orientassem para drenar aquelle estranho influxo de sensibilidade que agitava as pedras e agitava as almas! Era um cháos inverso do que deve ter sido o originario, porque era o cháos do fim attingido pela perfeição!

Sobre o chão accidentado, comboios velozes escapavam sobre os trilhos reluzentes, sem signal de fumaça, e carregavam no bojo cargas e passageiros, num intercambio rapidissimo de energias. Nas fabricas, teares, motores, dynamos, uma multidão de machinas arfavam, apressadamente, na tarefa vertiginosa de abastecer os mercados. Longas antennas, como apparelhos gigantescos de tacto, vibravam entre a ondulação imperceptivel da atmosphera. E as populações excitadas, em sua ubiquidade incrivel, quasi podiam assistir, entre o calor dos tropicos, aos detalhes de um drama polar! Télas extensas reproduziam todos os aspectos da vida, para o deleite e para a instrucção dos espiritos. E a mecanica inteira, dominada pelo fluido invisivel, era um simples brinquedo de forças gigantescas que o homem activava, diminuia, determinava e annullava com o simples dedo sobre as alavancas e os commutadores!

— Veja esta maravilha! exclamou o Homem do Século XX. Com o poder do pensamento, só com elle, eu pude plasmar o que só os deuses plasmariam um século atrás!

...E eu continuei a contemplar, assoberbado, o cosmorama da realidade de meus tempos... Sobre os oceanos, as grandes náus faziam virtualmente continuo o sólo firme e os cabos submarinos fremiam, sob a impassibilidade das aguas, a unirem os cinco mundos! E, no ar, os motores davam ao homem as asas dos condôres e a naturalidade das nuvens...

— Sinta como é completo o meu dominio. Eu me integrei aos elementos como se fizesse parte delles, em todos os tempos! Em meio seculo mais, o mundo será para mim um problema totalmente resolvido, cujos factores eu poderei alterar ao meu sabor.

Meus olhos desceram sobre a terra, novamente. Eu via agora, através das paredes brancas de grandes edificios, salas envidraçadas, com mesas de esmalte claro, em cujo redor se moviam, em um atarefamento continuo, homens e mulheres, de grandes aventaes e toucas justas.

— São os estabelecimentos hospitalares, disse-me o meu interlocutor.

E pude perceber, entre convulsões e gemidos, entre gritos de dôr e lamentações, apparelhos confusos que attendiam aos enfermos diminuindo os padecimentos, estancando o sangue das arterias rôtas, regenerando os tecidos doentes, cicatrizando os cortes, refazendo membros dilacerados, restituindo a vida! E senti que as dôres se aplacavam, que os gemidos esmoreciam, que a saúde voltava, pouco a pouco, áquella multidão de soffredores!... Voltei os olhos para o meu *cicerone*. Na penumbra do crepusculo, seu cabello encrespado punha sombras ligeiras na fronte espaçosa e sonhadora... Sonhei que, de sua pelle, a barba ia crescendo, visivelmente, e a face, empallidecida, ia tomando um sorriso de caridade e de conforto. Estava sério, grave, como se a commoção o empolgasse... Não sei... Mas, naquelle instante, o Homem do Século XX,

NOTICIAS E COMMENTARIOS

Ministro Carlos Echeverri

A bordo do *Duilio* chegou ao Rio no dia 12 passado o novo ministro plenipotenciario da Republica da Colombia junto ao Governo brasileiro, sr. Carlos Uribe Echeverri, que veiu acompanhado por sua exma. familia e foi recebido pelo dr. J. R. Macedo Soares, introductor diplomatico, portador dos cumprimentos do ministro do Exterior.

O novo plenipotenciario colombiano, que é uma figura de grande destaque politico em seu paiz, foi presidente da Camara dos Deputados, senador, ministro no Chile, delegado da Colombia á 5.ª Conferencia Americana e presidente da Commissão de Accessores do Ministerio das Relações Exteriores da grande republica do mar das Antilhas.

S. exc. traz para o Brasil um grande programma politico e economico que visa incrementar a approximação crescente entre os dois povos amigos e é a expressão vibrante de uma orientação pacifica e progressiva que faz nos dias de hoje a grande harmonia interna de que a Colombia frúe os fructos beneficos e edificant s. A REVISTA DA SEMANA traz ao no ave diplomata seu cumprimentos reverentes e augura a s. ex. uma grata e brilhante permanencia no paiz que o recebe com um largo gesto de sympathia e de fraternidade.

Grupo tirado após a installação e primeira reunião da Commissão de Normas da Prefeitura, no gabinete do sr. Adolfo Bergamini, interventor no Districto Federal, vendo-se s. ex. sentado, ao centro do cliché.

NAVARRO DA COSTA

O *Norge* trouxe da Europa, domingo ultimo, o corpo de Navarro da Costa, o grande pintor brasileiro que falleceu recentemente em Florença. Receberam-no seus amigos e admiradores, que se vêem cercando o ataúde, ainda no cáes, no cliché que reproduzimos. Desde a tarde de domingo até á de segunda-feira esteve o esquife em exposição na Associação dos Artistas Brasileiros, de cuja séde sahiu o feretro, no dia 16, para o cemiterio de S. João Baptista, onde repousa perpetuamente o magnifico e pranteado artista patricio.

Congresso do Matte

Por intermedio do ministro do Commercio, os Estados do Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e Matto Grosso pleitearam junto ao Governo federal, recentemente, as medidas necessarias á defesa da herva-matte em face do ultimo decreto argentino qu prohibiu, a par ir de 15 de Janeiro passado, a entrad de matte no t rritorio da grande nação platina, até que se pudesse resolver

ASSIS BRASIL

O ministro Assis Brasil partiu na semana passada para Buenos Aires afim de assumir o exercicio da Embaixada extraordinaria junto á Republica Argentina. Sua Excia. teve um concorridissimo embarque e os trez aspectos acima demonstram a importancia excepcional da viagem do estadista gaúcho. A' esquerda, a senhora Assis Brasil cercada das senhoras amigas que a levaram ao cáes. Ao centro, o embaixador Assis Brasil e senhora sobem a escada do *Northern Prince*, acompanhados do embaixador argentino e da senhora Mora y Araujo. A' direita o ministro Assis Brasil pouco antes de embarcar, tendo á sua esquerda o ministro da Marinha e á direita os ministros do Trabalho, da Fazenda, da Educação e da Justiça.

---

debruçado sobre o mundo, projectava, sobre o céu cinzento, uma sombra que me pareceu a de Jesus...

*

— Só falta isto agora. Talvez constitua minhas mais adiantadas concepções. Foi a parte mais arriscada de minhas conquistas, mas é a ultima palavra da sciencia, que decide da sorte das nações! Veja-a: é a suprema expressão de meu valôr!

Desci os olhos, pouco a pouco, para um canto da terra. A principio, grandes novellos de fumaça, que toldavam o horizonte, difficultavam-me a visão. Mas pude perceber, com o tempo, além da cortina de fumo, homens que marchavam, geometricamente alinhados, e ouvi estrondos longinquos e ruidos surdos de desmoronamentos... E comprehendi que era a lucta! Canhões longos que se escondiam e avançavam, alternadamente, rithmando os movimentos com clarões subitos e subitas detonações. Metralhadoras crepitantes, granadas, shrapnells, aviões zumbeantes, gritos, clamôres, imprecações e prantos, ao mesmo tempo que pequenos botões de percussão, fios invisiveis, pilhas ligeiras e satanicamente occultas eram bastantes para mover e explodir toda aquella machinação infernal que fulminava homens, decepava cabeças mutilava corpos, escancarava feridas, deformava rostos, ceifava vidas!... Cidades inteiras que desmoronavam como castellos de cartas, á passagem dos aviões de bombardeio e ao alcance da artilharia de sitio, sepultando nos escombros sonhos e glorias, lembranças e conforto, tradições de belleza e tradições de sentimento! Navios socegados e inermes, que os torpedos caçavam, como golfinhos da morte e da destruição, para engastar-lhe no casco protector da vida dos innocentes o explosivo fulminante que confundia mastros e braços, caldeiras e peitos golpeados, escaléres e mãos afflictas, no mesmo redemoinho de espuma e sangue, com o vertice voltado para o somno do fundo do mar!...

Escondi o rosto entre as mãos, horrorizado, quando o meu companheiro me bateu no hombro e me animou:

— Veja até ao fim! E' quasi nada mais...

Em um ultimo appello á minha resistencia, accedi. Era uma sala de prisão moderna, com uma sobriedade profunda a vestir-lhe as paredes e uma impressão de pavôr a embeber o ambiente. Ao centro, em uma cadeira esquisita, um homem se mantinha solidamente atado ao espaldar pelos braços e pelo tronco erecto. Tinha o rosto vendado e um rictus de angustia lhe franzia o canto dos labios. Subito, um dos poucos circumstantes moveu uma alavanca e uma crispação convulsiva agitou o corpo do desgraçado. Poucos segundos. Quasi nada. Mas os dedos apertaram, por instantes, os braços da cadeira, depois se distenderam, inteiriçados, para a rigidez definitiva da morte! A defesa da sociedade... que a electricidade resolvia... humanamente...

— Não posso... não posso mais!... bradei apavorado, recuando daquelle scenario dantesco, com o braço collado á fronte, para esconder os olhos.

O Homem do Seculo XX quiz continuar o seu discurso enthusiasmado.

— Basta! Basta!...

E fui fugindo, fui recuando sem querer, para afastar-me cada vez mais delle.

Porque, na pallidez da noite enluarada, a sombra do Christo que vira no crepusculo se transformára na imagem horripilante da Besta do Apocalypse!

Paulo Gama

Damos dois aspectos das homenagens prestadas ao nosso companheiro dr. Octavio Tavares, que partiu ultimamente para Porto Alegre, onde vai exercer o cargo de Delegado Fiscal do Thesouro Nacional no Estado do Rio Grande do Sul. A' esquerda o grupo tirado no Club Nacional após o almoço que foi offerecido a Octavio Tavares (que se vê sentado, ao centro) pelo nosso director sr. Aureliano Machado, que está á direita do nomenageado. A' direita um aspecto do embarque, tirado no cáes da Praça Servulo Dourado.

o problema do beneficiamento do producto dos hervaes de Missões e Corrientes. De commum accordo com o Ministerio do Exterior ficou assentada a realização de um Congresso a reunir-se em Curityba, onde seriam estudados e, si possivel, resolvidos os pontos fundamentaes para o resguardo do producto brasileiro. Para presidir a este Congresso, que foi inaugurado na capital do Paraná no dia 14 passado, partiu de avião para aquella cidade o sr. Lindolfo Collor, ministro do Trabalho do Governo Provisorio. Levou s. ex. um programma amplo para limitar as directrizes do assmpto, que interessa grandemente a uma das riquezas maiores dos nossos Estados do Sul.

Disposto, preliminarmente, a industrializar o producto para defendel-o melhor e dirimir as apparentes divergencias que separam os grandes productores, não devem tardar os fructos da acção decidida que s. exc. encetou, preservando uma das fontes de receita mais vultosas de que dispõe o paiz.

O mal dos pesames

E' innegavel que, sempre que alguem soffre o golpe rude da perda de um parente, de um amigo verdadeiro, são consoladores e balsamicos um abraço de affecto, uma palavra de solidariedade, uma assistencia piedosa. Mas não é menos evidente que, muitas e muitas vezes, a abundancia dos abraços e das phrases de consolo só podem augmentar o estado de commoção e concorrer para exaggerar a sensibilidade. Quantas e quantas vezes as familias enlutadas chegam a desejar intimamente que sejam raras ou poucas as demonstrações de pezar que só conseguem affligi-las mais... A' parte a revolta que sempre causa, aos que verdadeiramente soffrem, o vêrem, nitidamente, a hypocrisia ou o simples convencionalismo de muitos votos de condolencias, é um dever elementar de qualquer um concorrer, na medida de suas forças, para poupar os soffrimentos moraes do proximo. Si não se puder abolir, radicalmente, a assistencia aos actos funebres dos velorios e dos enterramentos, ao menos se poderia acabar com o malsinado costume dos abraços de pesames em seguida aos officios religiosos e de setimo dia. Ainda latejam as feridas abertas pelo desapparecimento de um ente querido; o tempo que apenas começou sua obra de resignação ainda não poude restaurar as forças de quem viu se escoarem as noites em claro e as lagrimas sentidas; e ficam os parentes do morto horas e horas á frente do altar ou na sacristia, curtindo um desfile mortificante de abraços e abraços que ameaçam não terminar, sem que delles todos se chegue, na verdade, a aproveitar talvez a decima parte de sinceridade e de discreção.

Os jornalistas americanos que estão entre nós visitaram fraternalmente a Associação Brasileira de Imprensa. Nosso cliché indica os visitantes entre seus confrades, na séde da Associação.

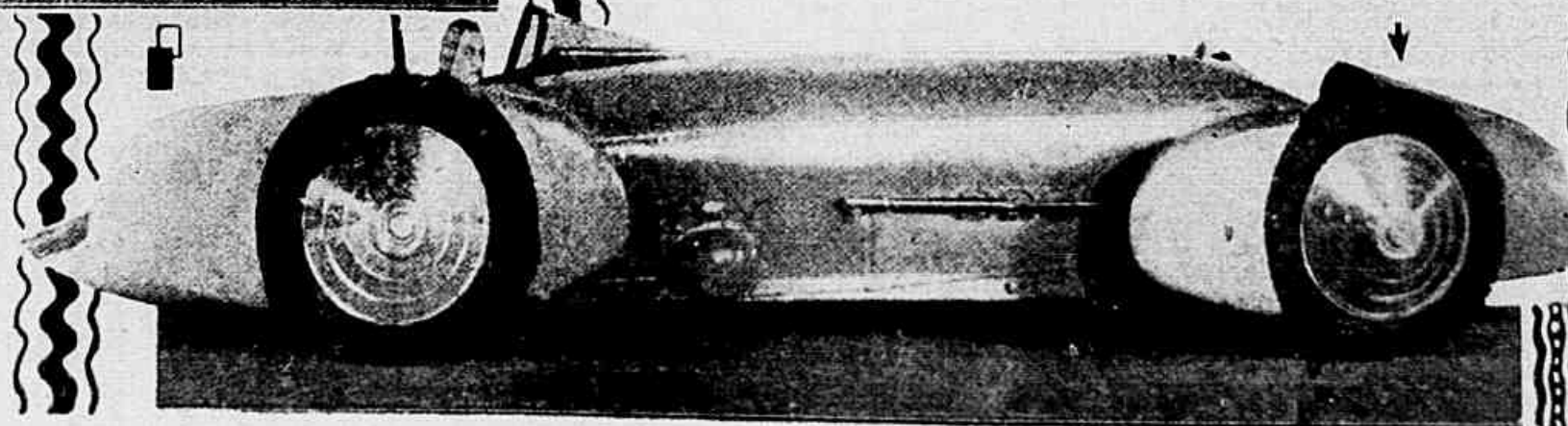
As alumnas da Escola Orsina da Fonseca fizeram uma interessantissima exposição de trabalhos pela qual se pode avaliar o gráu de vocação artistica e a alta efficiencia do ensino que lhes é ministrado.

Os amigos e admiradores de Mauricio de Lacerda offereceram-lhe recentemente em Nictheroy um banquete, ao mesmo tempo que fizeram rezar, em acção de graças pelo seu regresso feliz do Uruguay, aonde fôra como embaixador extraordinario do Brasil nas festas de inauguração da ponte do Jaguarão, uma missa na cathedral de São João Baptista da visinha capital fluminense. A' esquerda damos um grupo das pessôas que compareceram ao banquete, que se realizou no Hotel Icarahy; e á direita um grupo á sahida da missa.

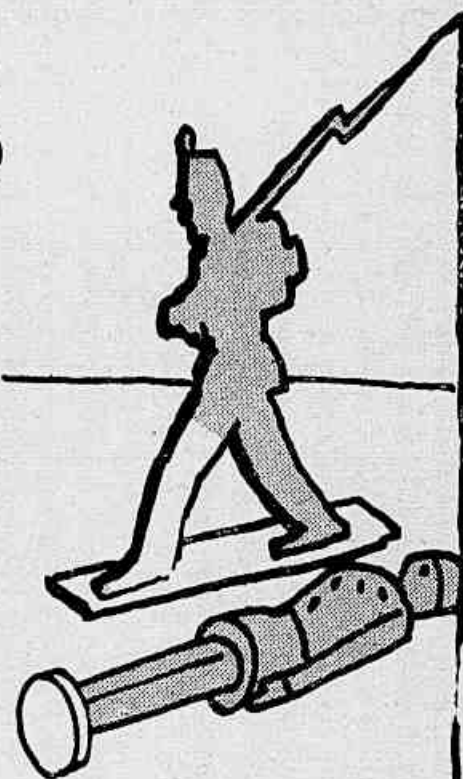
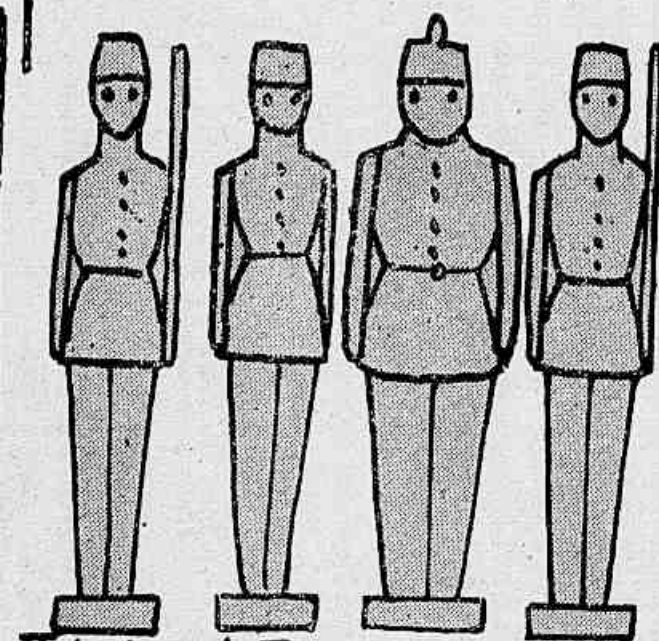
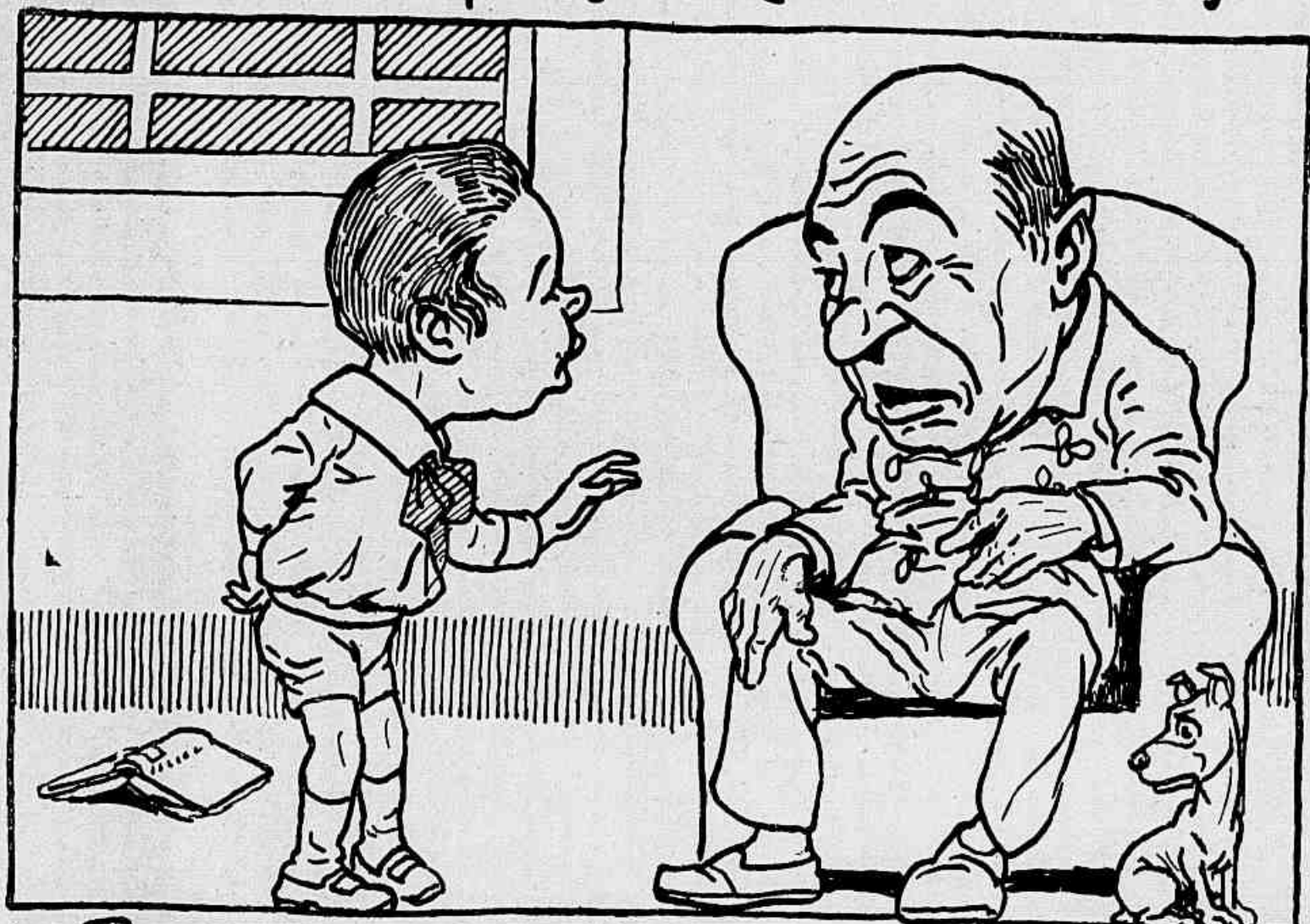
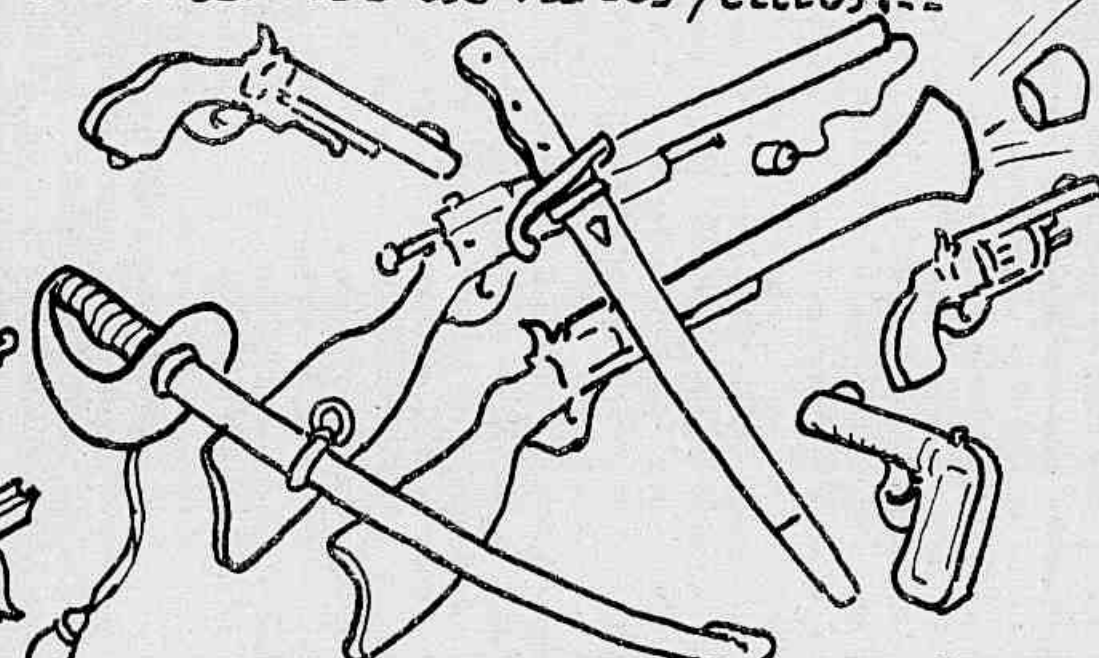
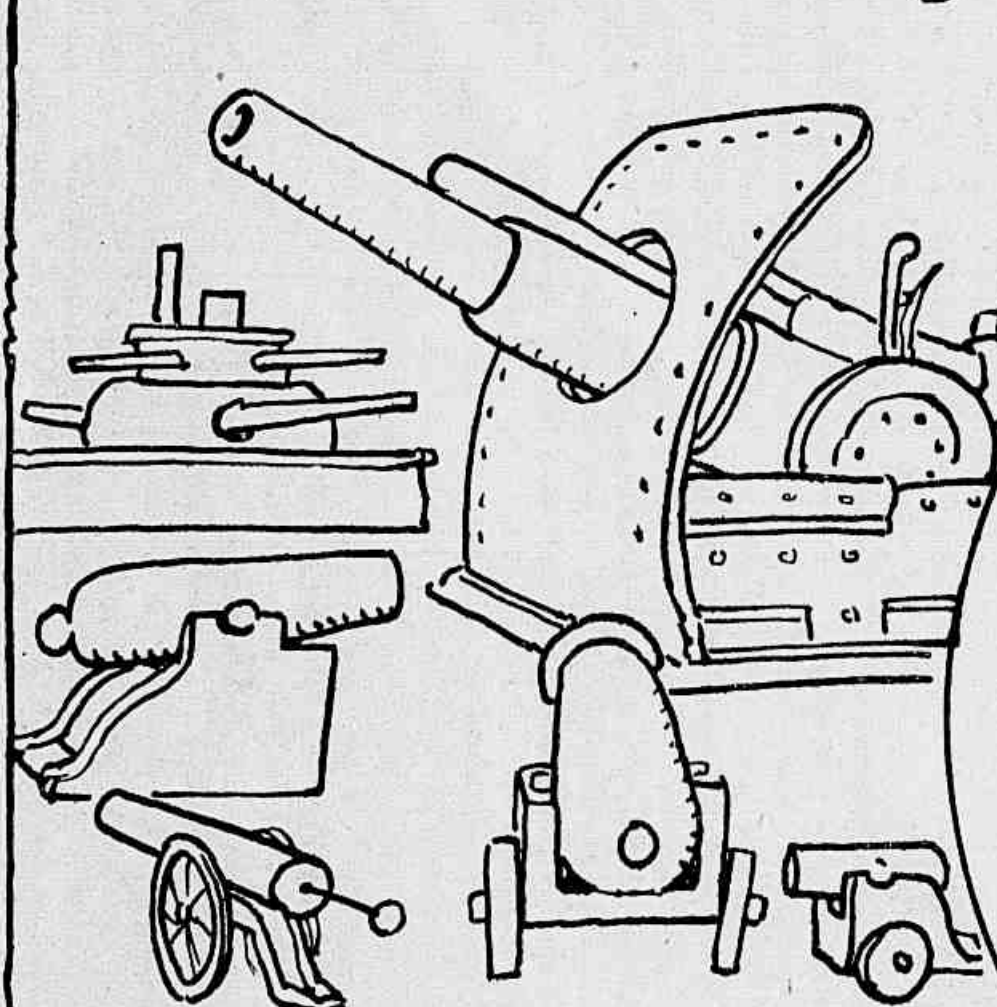
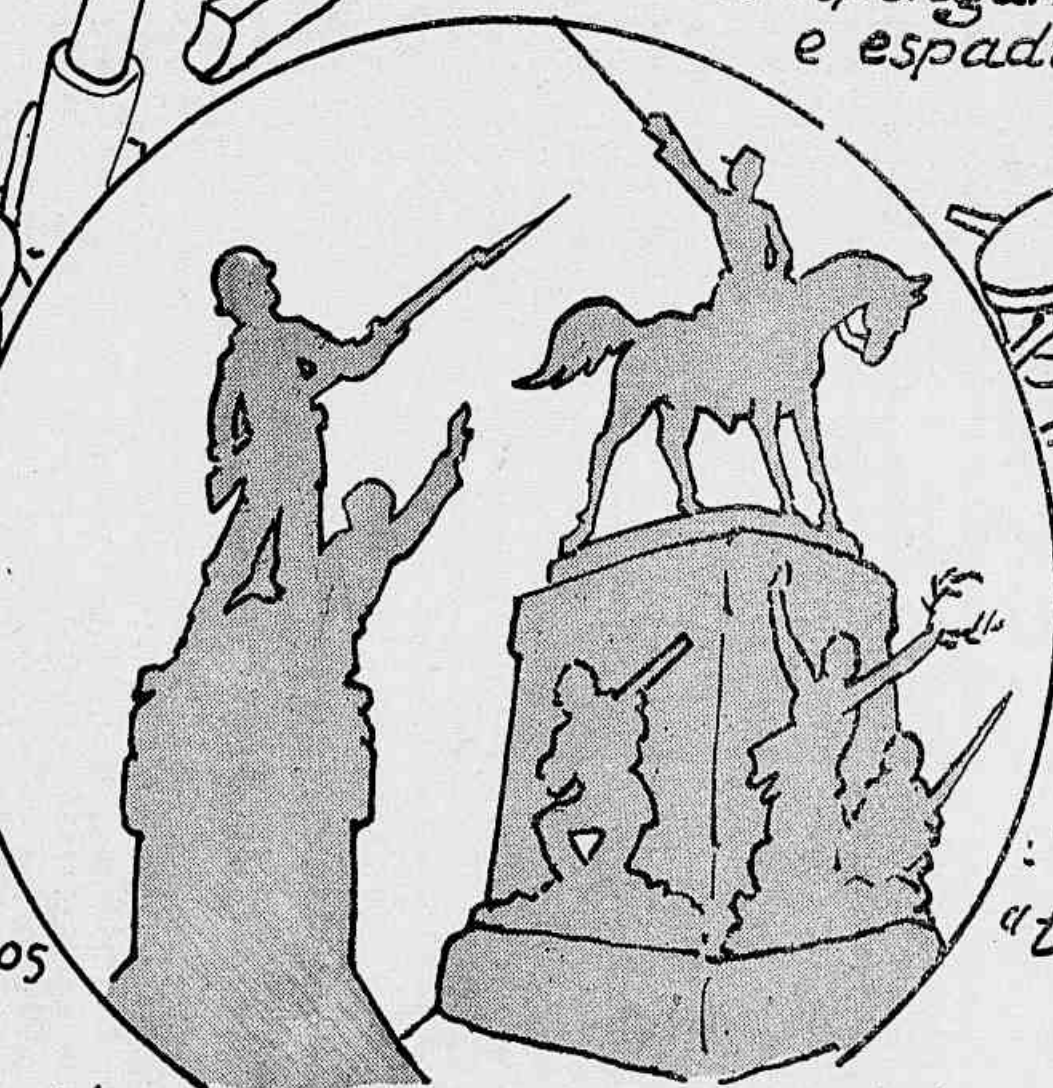
O QUE VAE PELO MUNDO

O presidente do Conselho de Ministros do Japão, Hamaguchi, foi victima, ultimamente, de um attentado cujo autor, um exaltado fanatico, lhe produziu graves ferimentos. Internado no Hospital Imperial da Universidade de Tokio, s. ex. esteve entre a vida e a morte, conseguindo, afinal, restabelecer-se. A nossa gravura o mostra, no quarto hospitalar, acompanhado de sua esposa.

O observatorio de Berlim — Treptow — possúe, actualmente, o maior dos telescopios installados na Europa. Esse telescopio gigante apparece, em nossa photographia, do alto de sua immensa plataforma de observação, como a desafiar a grandeza dos astros.

O maior arco de ponte em construcção, em todo o mundo, é o que actualmente se ergue em Sidney, a formosa cidade australiana, que, atrás delle, apparece como um scenario theatral.

O poderoso motor de 1400 H. P. do "Passaro Azul", com que Campbell defenderá em Daytona Beach, na Florida, o *record* inglez de 231 milhas horarias.

O Imperio Allemão, que, apezar do nome, é uma Republica, celebrou em 18 de Janeiro seu 60.º anniversario de fundação. A praça da Republica foi o local da commemoração civica, vendo-se, em nossa gravura, o presidente Hindenburgo quando, nelle, assistia ao ceremonial.

O Pacifismo e os pirralhos
Ahi estão os soldadinhos de páu e de chumbo de varios feitios...
-Papae, querem acabar com as guerras no mundo?
-Sim, meu filho. A guerra não é brinquedo!
-Não é brinquedo?! Ora essa! Então porque nos dão tantos brinquedos guerreiros?
as espingardinhas, pistolinhas e espadinhas...
Os canhõesinhos, os obuzesinhos com seus tirosinhos...
...temos até os "tankesinhos"...
Ha mais monumentos mavórticos do que pacifistas...
Sem contarmos a zarabatana, a forquilha, o arco e a funda...
Esses brinquedos hão de crescer comnosco!
RAUL

MODAS · COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

Cada semana traz novos elementos para a moda. Umas vezes no corte, outras vezes nos detalhes, outras vezes na linha geral manifestam achados que guarnecem o conjuncto. A graça dos decotes drapés não nos deixa indifferentes. O decote tem muita importancia para ser descuidado. Reter um decote nos hombros para deixal-o cahir em pregas flexiveis, inspirar-se na estatuaria grega para deixar aos tecidos seus movimentos esculpturaes, tirar partido d'um grupo de pregas retidas por um broche, d'uma echarpe cahindo em azas fluctuantes, d'um galão de contas pesando na beira do decote, são a obra da alta costura, á qual já devemos tantas perfeições.

A delicadeza dos bordados de contas ou desenhos palhetados junta interesse aos tecidos transparentes e aos tecidos avelludados. Raramente é todo bordado: o que dá valor ao vestido são as opposições das partes bordadas e as reservas de tecidos lisos. Blanche Lebouvier e Jane Duverne applicam essa theoria sobre o crepe Georgette e o velludo.

Alguns vestidos da noite muito habillés necessitam penteados especiaes. Joias verdadeiras e joias de fantasia entram em competição com os turbantes de lamé e as redes de perolas e strass que retêm os cachos e frizados. Toques de tulle metalizado, collares trançados e aigrettes curtas contribuem tambem para dar uma nota de novidade ás bellas toilettes.

Os sapatos têm um lugar importante na nossa toilette. O escarpim continua a ser a forma classica, e sobre elle se fixam fivellas, barrettes e incrustações. A simplicidade está na base de todos os sapatos para o dia. A' noite, as pellicas preciosas, os pesados lamés, os crêpes de Chine e setim, a dizer ou em opposição com o tom da toilette, conservam os favores. Os palhetados e o strass reapparecem discretamente. As combinações de couro de diversos tons são muito empregadas nos sapatos de sport.

O formato Richelieu e o escarpim prestam-se admiravelmente para essas diversas applicações.

Os caprichos da moda fizeram-nos ter uma predilecção muito especial para os cintos, sejam elles de couro ou de tecido. Alegram elles as nossas toilettes. Simples no seu formato, os cintos são realçados pelas fivellas e fechos metalicos que correspondem a verdadeiras joias. O lugar da cintura está nitidamente marcado para pôr em valor o busto mais ou menos longo, segundo se inclina para a linha Imperio ou a linha racional.

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de crepe-setim verde-amendoa. Corpo *drapé* com capa nas costas. Mangas até ao cotovello. Saia com *panneaux en-forme*. 2 — Toilette de renda *beige*. *Panneaux* incrustados na saia formam *coquillés* nas costas. Figaro. 3 — Vestido de crepe *georgette* lilá rosado. Bolero amarrado na golla. Saia cortada *en-forme* com pala vindo quasi até á frente. 4 — Vestido de *voile* de fantasia. Pequena capa cobrindo os braços. Os babados cruzam-se e sobem na frente. 5 — Vestido de crepe *romain* azul-pastel. As mangas curtas partem da pala que se amarra na frente. Babados sobrepostos mantidos por ordens de franzidos.

Quando se ama tem-se Deus no coração, os pés na terra e a cabeça no céu.

A. HOUSSAYE.

Conselhos sociaes

OS JORNAES

Um jornal é um amigo. Cada manhã recebemos a sua visita. Entra na nossa casa certo de ser bem recebido quando chega... e lamentada a sua ausencia quando nos falta.

Deitamos-lhe um olhar cheio de interesse antes mesmo de o abrir.

Quando as nossas occupações não nos permittem a sua leitura immediata, parece que nos desculpamos junto delle: intimamente dizemos um "até já", como se fossemos culpados de o descuidar.

Gostamos do nosso jornal quotidiano. E' um doce habito contrahido em proveito da nossa intelligencia, da nossa distracção e da nossa justa curiosidade.

Nos nossos dias não é mais permittido ser ignorante. As maravilhosas descobertas succedem-se, propagam-se, vulgarisam-se e, se não ha gloria em conhecel-as, seria quasi vergonhoso não saber os nomes e empregos.

E pouco a pouco, graças ao jornal que sabe tudo, nos instruimos d'uma maneira agradavel, marchamos com o progresso que se tornou a lei do dia; melhor ainda, nossa alma eleva-se, nosso coração amplia-se com as narrações das grandes e nobres acções; as dedicações sublimes, os desinteresses escondidos, as virtudes modestas e tão meritorias desses heroes obscuros que ninguem acclama... Dever-se-á dizer que a imprensa reserva mais amplo espaço para as narrativas dos crimes que para as das bellas acções? Ou deve se

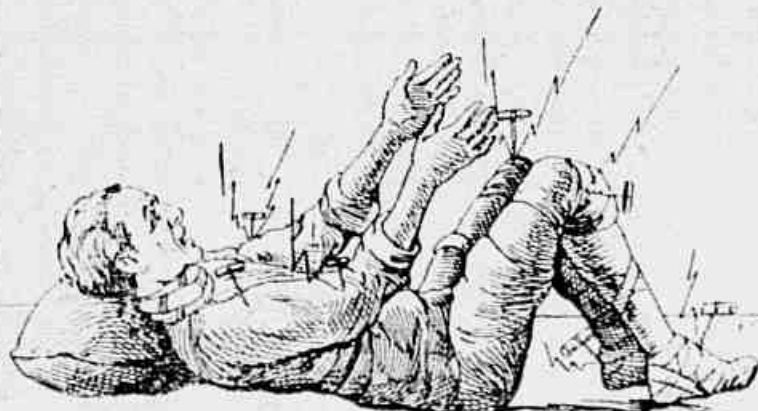
Vestidos de casamento

1 — Vestido de setim branco; o *panneau* da frente como o que forma a cauda são applicados sobre a saia. Touca de tulle franzid ; fita de prata e lyrios. Longo véu de tulle. 2 — *Toilette* de crêpe *georgette* branco, o decote rodeiado com uma guirlanda de botões de flôr de laranja. A mesma guirlanda na cabeça mantendo o véu muito ajustado. 3 — Vestido de crêpe da China branco, saia cortada en-forme, uma basquinha curta na frente e terminando em longa ponta atrás. Borlas de perolas n'um dos hombros e nas mangas. Diadema de perolas na cabeça e longo véu de tulle. 4 — Vestido de setim branco, *panneaux* en-forme atrás e na frente da saia. Rosas brancas mantêm o *drapé* na cintura. Tres ordens de fita seguram o véu sobre a cabeça e terminam atrás sob rosas eguaes ás que guarnecem o vestido. 5 — *Toilette* de *charmeuse* marfim, saia com *panneaux* en-forme, longa cauda e tira applicada no corpo. *Bandeau* de botões de flôr de laranja mantendo o véu de tulle que cobre o rosto e parte do busto, e acompanha atrás a cauda.

pensar que ha mais mal que bem? Talvez estejamos com a razão reconhecendo que o mal faz mais barulho e que a indignação que provoca é sempre mais profunda que a admiração concedida á coragem sob todas as suas formas.

Seja como fôr, acreditemos no bem e procuremos vel-o, porque está em volta de nós: temos apenas que olhar, saber ouvir e saber ler.

Um jornal é uma força que se impõe a cada um dos seus leitores.

Amolda os cerebros, forma os julgamentos, estabelece opiniões. E' um conselheiro mudo ao qual não se resiste; é tão insinuante, tão perseverante e tão discreto ao mesmo tempo que o acceitamos sem desconfiar da sua importancia. Soffremos involuntariamente a sua influencia; por essa razão devemos conhecel-o antes de admittil-o em nosso lar. Entre os bons jornaes devemos escolher o melhor, quer dizer aquelle que pareça concordar melhor com os nossos pensamentos, os nossos sentimentos, que não vá de encontro com a nossa maneira de ver, que julgue os homens e os acontecimentos com moderação... Os extremos são sempre perigosos, evitemo-los. Muitas vezes, apressados em tirar conclusões, as suas decisões são sujeitas a erro.

Quando, depois d'uma experiencia séria, tivermos feito uma escolha, esse jornal terá direito á nossa intimidade. Recebe-lo-emos como a uma amiga que chegasse com os bolsos cheios de noticias, colhidas sobre todos os pontos do globo. A monotonia do dia é rompida pelo conhecimento dos factos e gestos dos nossos contemporaneos: como que nos evadimos por alguns instantes do nosso quarto ou do nosso jardim.

Assim como precisamos comer, precisamos ler: a alimentação intellectual é indispensavel á nossa vida moral.

Ao lado do jornal quotidiano, collocam-se as revistas semanaes que, alem dos seus artigos interessantes, nos trazem as photographias de todos os acontecimentos sensacionaes e bons conselhos para as donas de casa.

Vestido de crepe setim branco, ornado, na golla e na frente, por um bordado a ouro.

O Sunlight é agora um Sabão Nacional!

OS mesmos fabricantes de Sunlight nos diversos paizes do mundo, resolveram installar tambem aqui no Brasil, uma fabrica para produzir sabão Sunlight.

Assim, o sabão Sunlight — universalmente conhecido e afamado pela sua incontestavel pureza — encontra-se agora ao alcance de todos, quer pela sua larga distribuição quer pelo seu preço muito mais barato.

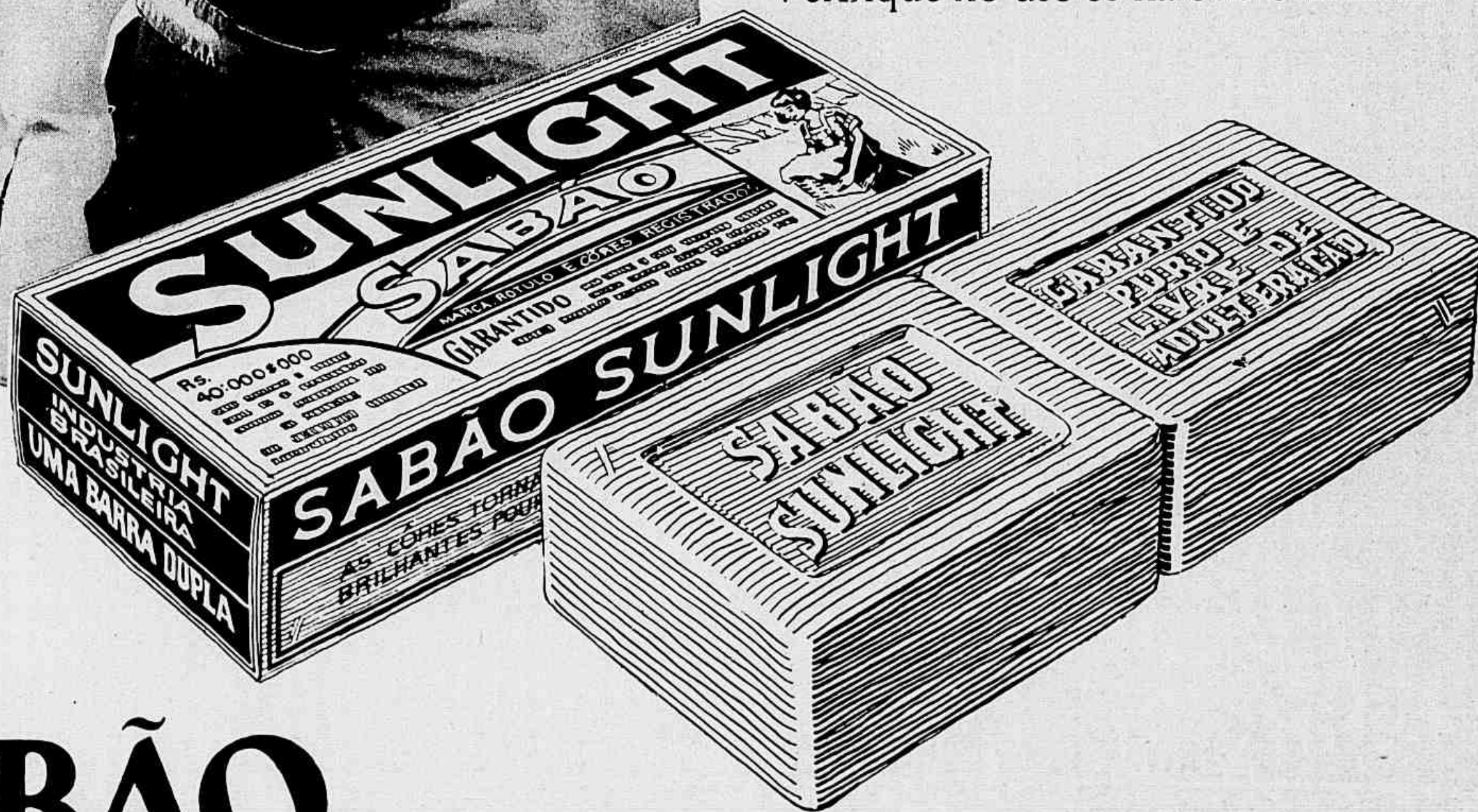
A fabrica Sunlight, em São Paulo, offerece além disso e a titulo de garantia, **40:000$000** que entregará a quem demonstrar que o seu producto contém qualquer forma de adulteração.

Peça Sunlight ao seu fornecedor. Sunlight é um sabão que serve para todas as necessidades de sua casa. Verifique no uso se ha outro melhor.

SUNLIGHT SABÃO
SABÃO SUNLIGHT
SUNLIGHT INDUSTRIA BRASILEIRA UMA BARRA DUPLA
SABÃO SUNLIGHT
SABÃO PURO E LIVRE DE ADULTERAÇÃO

SABÃO SUNLIGHT

S. A. IRMÃOS LEVER - SÃO PAULO - BRASIL

S 1—0136 Bz

Nossa alimentação

A GASTROTECHNIA (segundo o biologista Pomiane, no seu livro *Comer bem para viver bem*).

A descoberta d'um novo prato faz mais beneficio á humanidade que a descoberta d'uma estrella nova — disse Brillat-Savarin.

Não levemos as coisas até lá; mas confessemos que, se é difficil para um astronomo encontrar um novo planeta, é relativativamente difficil tambem ao gourmet encontrar um novo prato.

O cozinheiro, como o gourmet, deve ser um espirito cultivado, instruido. Recordemos que as combinações celebres do foie-gras e da trufa são devidas a Rossini; e que o emprego dos rins para temperar certos pratos foi imaginado por Meyerbeer.

O gourmet, que é sempre cozinheiro na alma, deve comprehender os porques do que elle faz. Desde então, em suas mãos a cozinha torna-se uma sciencia.

Se quizermos comprehender physiologicamente como e porque um jantar bem preparado e bem servido nos dá uma satisfação moral immensa, é preciso ter noções elementares sobre os alimentos, sobre a digestão, sobre a assimilação, mesmo sobre nosso psychismo.

Será preciso conhecer perfeitamente a composição chimica dos tecidos d'uma ostra, por exemplo, para apreciar todo o seu sabor? Não. Póde-se ser artista sem ser homem de sciencia. Póde-se admirar uma cathedral gothica sem conhecer a estereotomia e resistencia dos materiaes. Mas devemos comprehender que um observador, que tem noções geraes sobre a construcção das abobadas e a resistencia dos seus pilares, descobrirá, na abside d'uma igreja, motivos de admiração que escaparão com certeza ao turista que têm por sciencia apenas as indicações do Baedeker.

Toda arte tem seu lado scientifico. A arte architectural não existiria sem a sciencia do constructor. A esculptura não seria nada sem a anatomia; a pintura seria pouca coisa sem a noção dos valores. Assim tambem a gastronomia nada vale sem a gastrotechnia.

A gastrotechnia é a sciencia da preparação dos alimentos. Estes devem ser tornados digestiveis, assimilaveis no maximo e apresentados pela arte culinaria de tal maneira que provoquem em nós o maximo desse goso psychico que influe no mais alto gráu sobre a secreção normal dos succos digestivos.

Os alimentos são digeridos e assimilados. São os agentes activos da reconstrucção de nossos tecidos, quer dizer de nossa propria *materia*: são alem disso a fonte de nosso calor natural, de nossa força muscular, de nosso trabalho intellectual, quer dizer de nossa energia.

MENU MAGRO

SOPA DE CEBOLA
ENGROSSADA COM FARINHA
DE TRIGO

OSTRAS AU GRATIN
ARROZ

CROQUETES DE OVOS
PIRÃO DE BATATAS

FILET DE PEIXE
RECHEIADO
SALADA DE ALFACE

CHARLOTTE DE CHOCOLATE
BOLO DE AMENDOAS

SOPA DE CEBOLA ENGROSSADA COM FARINHA DE TRIGO

Põe-se para ferver numa panella um ou dois litros d'agua e n'uma frigideira põe-se para derreter uma colhér de manteiga; cortam-se em fatias finas duas cebolas grandes que se põe para refogar até ficarem louras (mas não escuras). Esmaga-se meio dente de alho que se junta ás cebolas; salpica-se com uma colhér de farinha de trigo torrada, que se mistura bem com uma colhér de páu ás cebolas. Junta-se um pouco da agua quen-

VESTIDOS SINGELOS

1 — Vestido de *shantung* azul cobalto, saia preguecada dos lados e golla-gravata de crepe da China branco. 2 — Vestido de linho vermelho com pintas brancas, guarnição e cinto branco. 3 — Vestido de *shantung* branco guarnecido com o mesmo tecido vermelho.

te para desfazer o refogado e em seguida despeja-se tudo dentro da panella d'agua fervendo; tempera-se com sal, uma pitada de pimenta e deixa-se cozinhar durante uma meia hora ou tres quartos de hora.

Em seguida côa-se o caldo e juntam-se duas gemmas de ovos, e por ultimo um pouquinho de vinagre. As claras dos ovos são cozidas e picadas em pedacinhos e despejadas dentro da sopa. Serve-se com torradas fritas na manteiga.

OSTRAS AU GRATIN

Depois de abertas e soltas as ostras vão ser cozidas na sua propria agua (a agua precisa ser coada); em seguida escorrem-se, pondo-as n'um refogado de manteiga e salsa e, juntando-lhes uma colhér de farinha de trigo, humedece-se com a agua em que foram cozidas e um pouco de vinho branco. Deixa-se engrossar e em seguida são arrumadas nas proprias cascas ou melhor ainda em tigellinhas. Cobre-se com uma camada de farinha de rosca e põe-se por cima pedacinhos de manteiga.

Vão ao forno para corar e servem-se quentes.

CROQUETES DE OVOS

Numa panella esmaltada põe-se um pouco de leite temperado com sal e uma colhér de manteiga; assim que a manteiga estiver derretida, retira-se a panella do fogo e junta-se pouco a pouco farinha de trigo até fazer uma massa bastante consistente; desfaz-se essa massa com um pouco de leite m o r n o, juntam-se algumas gemmas *muito bem* batidas e volta novamente a panella para cima do fogo para engrossar. Em seguida juntam-se alguns ovos duros picados á massa, e deixa-se esfriar.

São depois enrolados os croquetes, que se passam por ovo e farinha de rosca e são fritos no azeite.

CHARLOTTE DE CHOCOLATE

Para esse pudim são necessarias 125 grs. de palitos francezes, 200 grs. de assucar, duas tablettes de chocolate, 200 grs. de manteiga e quatro gemmas de ovos.

Collam-se os palitos francezes em toda a volta dos lados e fundo d'uma fôrma lisa, que se unta com um pouco de calda de assucar (para os biscoitos grudarem). Numa panella misturam-se bem as gemmas e o assucar com uma colhér de páu; em seguida junta-se pouco a pouco a manteiga e por fim o chocolate ralado. Põe-se a panella em fogo muito brando, mexendo sempre até que tudo esteja bem ligado; deixa-se esfriar, mexendo de vez em quando; em seguida despeja-se dentro da fôrma.

Se o chocolate não fôr de baunilha deve se pôr uma fava de baunilha dentro. Vae para a geladeira, despejando-se somente na hora de servir para um prato de crystal.

BOLO DE AMENDOAS

Trabalhar bem num alguidar com uma colhér de páu tres gemmas de ovos com 125 grs. de assucar e 40 grs. de amendoas torradas e picadas, até que a mistura tenha tomado um tom esbranquiçado; depois ir juntando pouco a pouco 35 grs. de fecula e 30 grs. de farinha de trigo, mexendo sempre.

Juntar depois tres claras muito bem batidas, misturando tudo muito bem.

Em seguida despeja-se dentro d'uma fôrma untada com manteiga e salpicada com amendoas torradas e picadas; pôr immediatamente no forno.

Assar em forno regular uns trinta e cinco minutos.

Servem-se com pirão de batatas em volta e enfeitados com azeitonas.

FILETES DE PEIXE RECHEIADOS (PAUPIETTES)

Põe-se n'um gral ou pilão: salsa e cebola verde picadas, uma colhér de cada uma; 75 grs. de champignons tambem picados; 125 grs. de carne de peixe sem pelles e espinhas; 75 grs. de manteiga; sal, pimenta; soca-se o melhor possivel, em seguida passa-se por uma peneira ou coador fino. Juntam-se duas gemmas e meio copo de nata ou, na falta desta, de leite. Guarda-se na geladeira. Na hora de preparar bate-se um pouco os filetes de peixe para alargal-os e afinar; salpica-se por cima um pouco de sal e guarnece-se com um pouco do recheio. Enrolase; collam-se as beiradas com ovo. Amarram-se com um barbante branco; envolve-se cada paupiette com uma tira de papel untado com manteiga; arrumam-se no fundo d'uma frigideira grande as doze paupiettes; regam-se com caldo de peixe (aproveitam-se as apáras e cabeças dos peixes para fazer esse môlho bem temperado), um litro pouco mais ou menos. As paupiettes devem cozinhar pouco mais ou menos uma hora. Em seguida são retiradas e o môlho coado, e junta-se um pouco de vinho branco. Engrossa-se com um pouco de farinha de trigo e manteiga, e por ultimo junta-se o resto dos champignons picados.

MODA INFANTIL

1 — Vestidinho de *shantung* rosa, guarnecido com pontos abertos e franzidos ninho de marimbondo nos hombros. 2 — Vestidinho de *voile* de algodão azul turqueza, a pala amarrada na frente, e quatro babados franzidos o guarnecem. 3 — Vestido de crêpe *georgette* azul claro com dupla golla. *Bouquet* de rosinhas côr de rosa e laço de fita de setim rosa. 4 — Vestido de crêpe da China amarello claro, a golla e a barra do vestido guarnecidas com babadinhos do crêpe amarello e de crêpe azul marinho. Cinto de camurça azul marinha.

1 — Vestido de crêpe da China azul *nattier*. A golla, plastron e punhos, de crêpe-setim rosa, são recortados como a barra da saia sendo isso uma das innovações da moda.

2 — Vestido de crêpe *marocain* verde, a dupla golla de crêpe *georgette* branco.

As mulheres que trabalham

O numero de mulheres *jockeys* augmenta rapidamente na Inglaterra. Uma das mais conhecidas actualmente tanto pela sua competencia em tudo que diz respeito a cavallos como pela sua posição social é a sobrinha do conde de Denbigh, mrs. Arthur Heald, que monta a cavallo para seu prazer e toma parte nas corridas mais pelo amor do sport que pelos beneficios que aufere.

Mrs. Heald já ganhou seis corridas femininas no anno passado e já está farta desses triumphos que julga muito faceis. Ambiciona correr contra homens e pediu autorisação para tomar parte no celebre Derby d'Epsom.

Os cavallos que monta são das suas proprias cocheiras. E' ella que cuida da criação e verifica que tudo esteja em ordem.

Mrs. Heald é uma ardente feminista, desejando a egualdade dos sexos em todas as manifestações sportivas, e sobretudo nas corridas de cavallos.

Ha outras profissões que o sexo feminino quer tambem tomar do sexo forte, entre estas está a de jardinagem, que nos parece tão bem apropriada para ellas como a de *jockey*. Os poetas, em todos os tempos, não compararam a mulher á flôr?

Nada de mais logico que ellas se dediquem umas ás outras.

Existe em Studley uma importante escola de agricultura para mulheres.

As estufas são celebres. Rosas, lilás, tulipas, chrysanthemos.

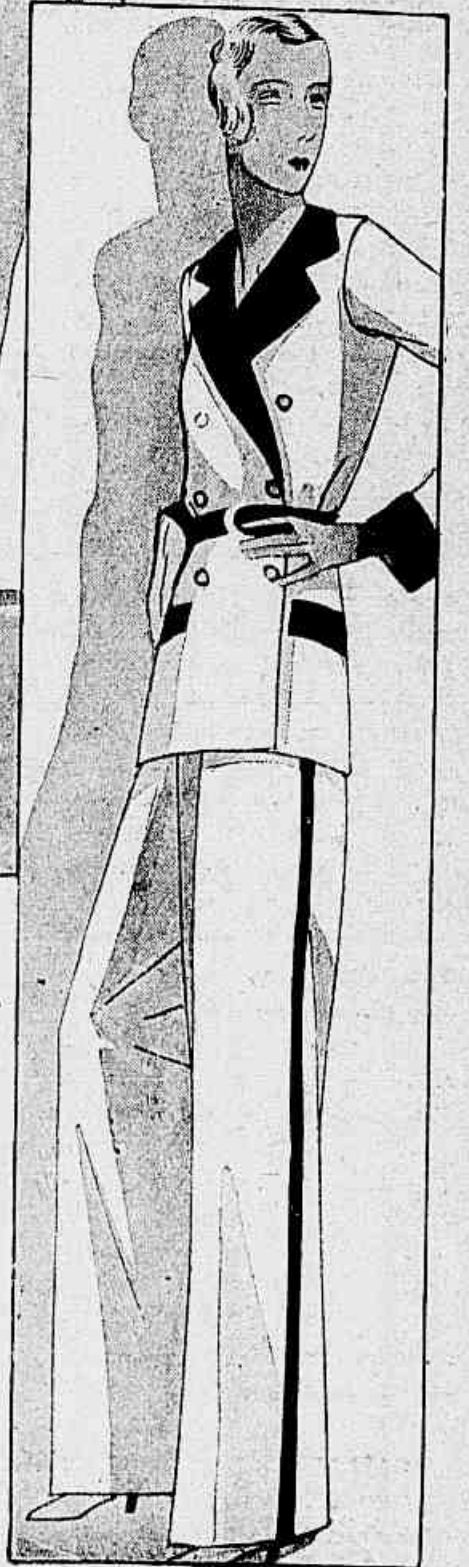
Que prazer viver no meio dessas flôres! Muitas são as jardineiras que sahiram formadas dessa escola e estão ganhando a vida desenhando gramados e combinando canteiros de flôres decorativas.

As mulheres estão entrando em toda parte. Querem exemplos?

Em Londres, foi creado recentemente um vasto serviço chamado o "Central Public Health Committee" quer dizer a Commissão Central da Saude Publica. O director? Uma directora.

Quem não conhece os Estabelecimentos Krupp na Allemanha? E' lá que são fundidos os celebres canhões Berta. Porque se chamam assim? Porque este era o nome da viuva de um descendente do celebre industrial, recentemente fallecida.

Quando o grande Krupp morreu, sua viuva substituiu-o immediatamente, e as usinas continuaram a prosperar. Educou seu filho e ensinou-lhe a dirigir os estabelecimentos. Quando este ficou homem não

Mrs. Heald, que amansa e monta seus cavallos de corrida, amansando seu potro Unity num campo da propriedade onde cria seus cavallos puro sangue. Mrs. Heald já ganhou seis corridas femininas.

Pyjamas e roupas para banho de mar

1 — Pyjama de linho branco com pintas vermelhas, pala e golla do casaco de *linon* vermelho, *jabot* e os plissados de *linon* vermelho. 2 — Pyjama original de *shantung* branco e azul. 3 — Roupão de banho de crêpon amarello claro com desenhos azul e branco. Viezes de tecido azul escuro. Calção de *jersey* azul escuro, blusa de *jersey* amarello claro e *jersey* de fantasia amarello, azul e branco. 4 — Roupão de banho de alpaca branco e preto; a roupa de banho feita com os mesmos tecidos. 5 — Pyjama para a praia de flanella branca, guarnecido com azul marinho.

As alumnas d'uma grande escola de agricultura em Studley (Inglaterra), no meio dos magnificos *arums* que cultivam.

cessou ella no emtanto de ter a vista sobre tudo.

Isso passou-se ha quatro gerações. Quando um dos filhos Krupp constatou que não teria senão uma filha por toda descendencia não se affligiu muito.

Dirigirá as usinas como fez sua avó!

Um dia, isso passou-se antes da guerra, um delegado d'uma nação extrangeira chegou para encommendar armamentos. No grande escriptorio, encontrou uma jovem de olhos negros, com avental azul, examinando uns papeis.

— Faz favor de sentar-se e dizer o que deseja.

— Desejo falar com o director! respondeu elle um pouco de alto.

— Não ha director aqui, mas sim uma directora. Póde dizer o que quer.

E a jovem Berta Krupp discutiu como o mais sabido e velho negociante.

Foi ella que dirigiu as usinas durante a grande guerra. Foi em sua homenagem que foram baptisado com o nome de Berta os grandes canhões. Quando ha pouco falleceu, chamava-se ella a baroneza de Krupp von Bohlen.

Mas para poder mandar teve de começar como simples operaria.

Passou por todas as secções. Poz a mão na massa de todas as fabricações. Dirigiu até ao fim as celebres usinas e é graças a ella que a fallencia não as abateu. Soube modificar a fabricação de tal maneira, e tão rapidamente, que os estabelecimentos encontravam-se promptos para trabalhar para a paz, como o tinham feito para a guerra.

Os exemplos são inexgotaveis de alto a baixo da escada social.

As mulheres bombeiros? Ha já em grande quantidade. Em Londres, ha uma grande usina de tinturaria que creou uma brigada privada por sua conta.

Compõe-se só de mulheres. A mais velha tem apenas 22 annos. A commandante é uma linda rapariga de 20 primaveras, que é muito conhecida na capital ingleza; tem já no seu activo alguns salvamentos e ganhou n'um concurso a taça offerecida para o melhor bombeiro da Grã-Bretanha, tendo concorrido com os bombeiros de Londres que têm fama de ser os melhores do mundo depois dos portuguezes.

Na Europa Central, na Yugo-Slavia, a pequena cidade de Diakow juntou ao corpo de bombeiros um batalhão feminino. E este batalhão usa galhardamente o uniforme e o bello capacete de cobre!

Vestido de lã azul marinha com pequena pelerine debruada em recortes.

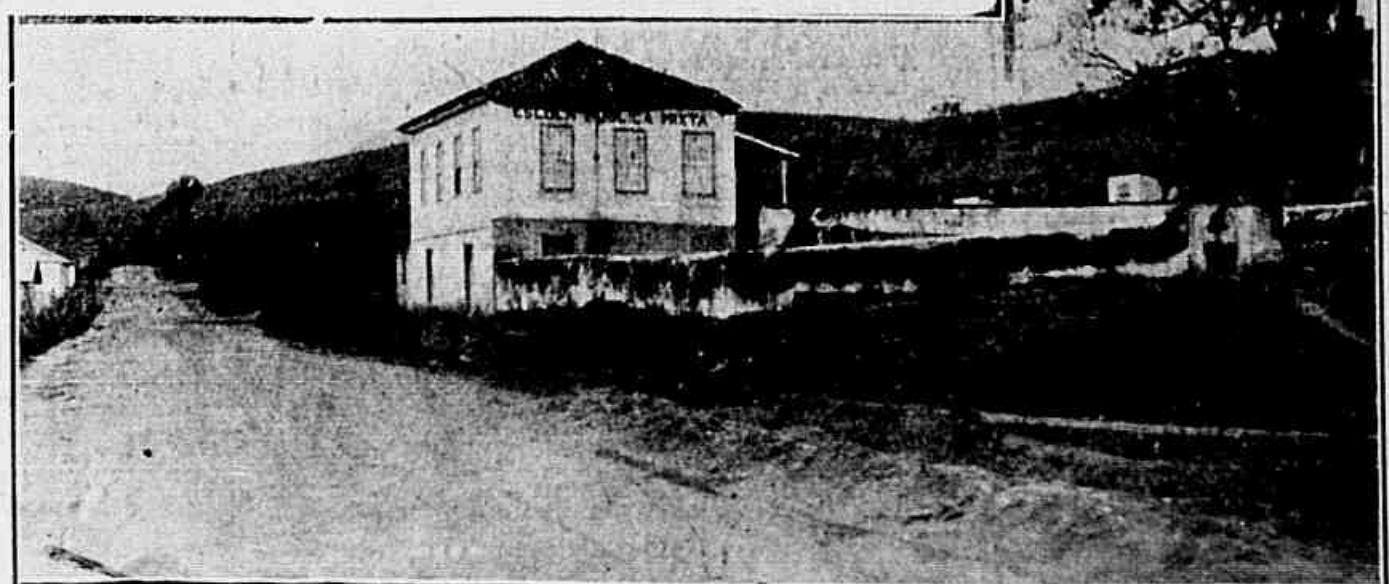
Na sua propriedade onde trabalha, guiando as machinas agricolas, uma celebre cantora da opera norte-americana, *miss* Marion Talley, não tem saudades do palco.

Preceitos de hygiene

A VACCINOTHERAPIA

Toda a therapeutica moderna parece dominada pela generalização do emprego das vaccinas.

Sabem o que é uma vaccina? E' — com o fito de destruir um microbio — uma substancia preparada n'um laboratorio com esse proprio microbio. Por exemplo, toma-se o bacillo da febre typhoide, o bacillo de Erberth, cultiva-se e, depois d'uma série de manipulações, obtem-se uma vaccina que, injectada no organismo, vae immunizal-o contra aquella doença. Que se trate da dyphteria, da tuberculose, da variola, o principio é sempre o mesmo: apenas ha mudança de germen.

Dr. Sá Fortes. Pittoresca localidade, suburbio de Barbacena. Minas. Vê-se o predio onde funcciona a Escola Publica local e um trecho da estrada de rodagem Bello Horizonte — Rio.

A vaccina não tem só o fito de crear um terreno refractario a uma infecção qualquer, póde tambem ser curativa.

Por essa razão são empregadas as vaccinas nas suppurações, e é provavel que, num futuro proximo, cada vez que nos encontrarmos diante da offensiva d'um microbio, ter-se-á para combatel-o a arma necessaria, e esta arma será a vaccina preparada com esse microbio. Nesse dia, todas as doenças infecciosas serão vencidas; mas ainda estamos bem longe desse tempo.

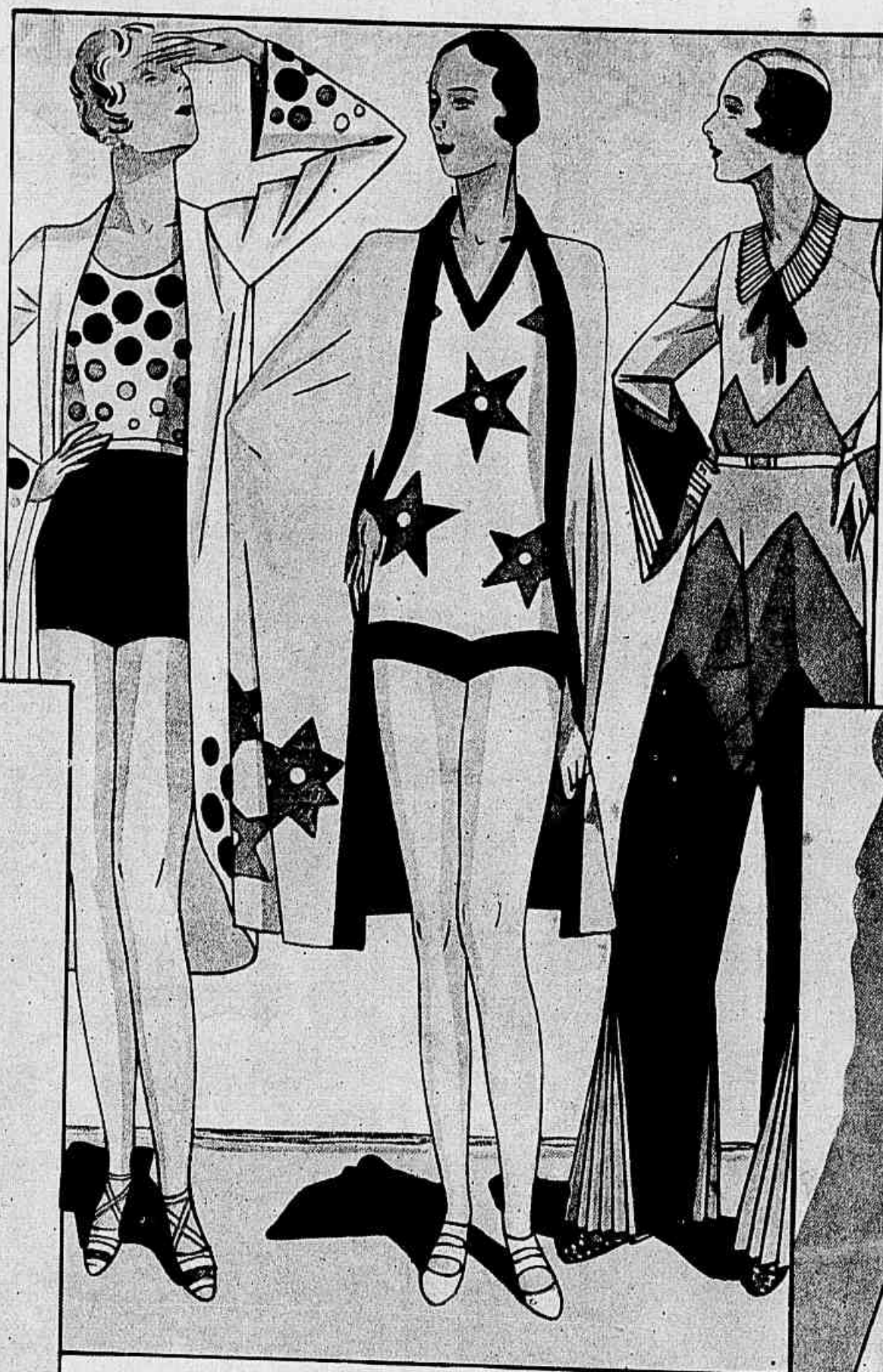
Por ora, a vaccinotherapia faz cada dia progressos e de tempos em tempos apparece uma nova vaccina immunizante. A' de Jenner contra a variola — a Predecessora — juntam-se agora a vaccina contra a dyphteria, contra a typhoide, contra o tetano, e a de Calmette contra a tuberculose que tem provocado tantas discussões.

Para agir n'uma infecção declarada, a therapeutica põe ao serviço do medico duas especies de vaccinas. Primeiro o que se chama a stock-vaccina. Chamam assim uma vaccina feita para uma doença. Tomemos o caso da furunculose. A stock-vaccina é preparada com os germens communs que são encontrados n'um furunculo.

A' stock-vaccina oppõe-se a auto-vaccina. Ahi, são os proprios microbios tirados do furunculo do doente que agem.

Não se atacará mais por exemplo o staphylococus com qualquer staphylococus da mesma familia, mas com um staphylococus tirado no proprio furunculo. Essa pratica da auto-vaccina dá resultados muito superiores.

O mesmo se dá com a vaccina contra a coqueluche, que tão grandes resultados tem dado, libertando as creanças d'uma das mais terriveis doenças da infancia e de tão tristes consequencias n'uma grande maioria dos casos. A vaccina feita com o proprio escarro da creança dá muito melhor resultado do que a já encontrada prompta.

Roupas para banho de mar e pyjamas para a praia

1 — Pyjama de cretonne de fantasia, verde claro com desenhos de dois tons de azul, pala da calça e a bluza de linho verde claro. 2 — Capa de banho de tecido esponja branco, guarnecida com rodellas bordadas a linha vermelha de diversos tons, o calção de jersey vermelho, a bluza de jersey branco com bolas bordadas a linha vermelha de diversos tons. 3 — Capa de lã branca com estrellas applicadas de lã azul e barra de azul vivo. Calção de jersey azul escuro e bluza de jersey branco com estrellas applicadas eguaes ás da capa. 4 — Pyjama de fantasia de tecido azul claro indo ao azul escuro, guarnecido com babados plissados. 5 — Pyjama de linho branco guarnecido com barras verde vivo.

S. Francisco de Salles

UM GUIA E UM EXEMPLO

S. Francisco de Salles, goza da maior popularidade, porque este santo conquistou todas as sympathias pela sua doutrina cheia de doçura e de bom senso, que elle soube apresentar d'uma maneira attrahente.

S. Francisco de Salles, era o filho mais velho

d'uma familia numerosa; nasceu no anno de 1567, no castello de Thorens na Saboia. Passou a sua infancia ao ar livre, adquirindo saude e força physica, com as outras creanças dos campos. Depois entrou para o collegio dos jesuitas de Clermont. Filiou-se na seita dos humanistas. Depois inscreveu-se na Universidade de Paris e, em seguida, na de Padua.

Seus estudos terminados, S. Francisco de Salles voltou para a Saboia onde começou por ser advogado em Chambery; um brilhante futuro desenhava-se para o jovem, e seu pae estava muito satisfeito; mas sentia-se chamado pela religião e foi com difficuldade que conseguiu convencer seu pae da irrevocabilidade da sua vocação.

O advogado de Chambery trocou a sua toga pelo habito de religioso. Sua vida comportava continuas idas e vindas: não conheceu mais o socego. Fez suas provas no decorrer das missões que lhe foram confiadas, tanto em Roma como em Paris. Subiu rapidamente, pois que aos trinta e cinco annos já era bispo de Genebra. Já era principe da Igreja quando falleceu, em 1622, — em Lyon — não tendo ainda uma idade avançada.

S. Francisco de Salles dedicou-se á direcção das almas. Era de uma actividade espantosa: prégava, escrevia, visitava e recebia visitas sempre com a mesma affabilidade. Ao seu gosto, em todos os meios, sabia encontrar a linguagem para cada um, rico

ou pobre. Possuia a arte admiravel de fazer-se querido e comprehendido por todos. Um inglez chamou-lhe "o santo fidalgo".

Pregando a quaresma deante da côrte, em Paris, S. Francisco de Salles foi muito apreciado. Os mais altos personagens da época faziam questão da sua amizade. Pregou igualmente com successo em Annecy, Chambery, Dijon e Grenoble.

Em 1610, ajudado pela baroneza de Chantal, fundou a Ordem da Visitação.

Sua obra escripta é muito importante. Comprehende: a *Defesa do Estandarte da Santa Cruz* e o *Livro das Controversias*, escriptos para a sua missão através do Chablais reformado que elle trouxe para o catholicismo; a *Introducção á Vida Devota*; o *Tratado do Amor de Deus*, dedicado ás Visitadinas.

A mais conhecida das obras de S. Francisco de Salles é a *Introducção á Vida Devota*, escripta para madame de Charmoisy. A publicação teve lugar, a primeira vez, em 1609.

Madame de Charmoisy aborrecia-se na Saboia quando ouviu, em 1607, S. Francisco de Salles prégar em Annecy. Solicitou a sua direcção espiritual.

O senhor de Charmoisy era primo de S. Francisco de Salles. Estava ao serviço do duque de Nemours e possuia grande propriedade na Saboia. Sua esposa achava muito monotona a vida na Saboia e era com grande satisfação que voltava para os prazeres da côrte quando seu marido a levava de novo para Paris.

S. Francisco de Salles ensinou-lhe os meios de afastar o aborrecimento e a inquietação, e incitou-a a viver util e harmoniosamente, apoiada sobre bases solidas. Mais tarde, madame de Charmoisy, viuva e cheia de desgostos, lembrou-se dos conselhos dados á jovem feliz que tinha sido.

S. Francisco de Salles publicou a primeira edição da *Introducção* em 1609. Dez annos depois, reviu os textos modificando-os para tornar o interesse mais geral: foi a edição classica.

A Introducção á Vida Devota é um trabalho digno de ser lido por todos aquelles que apreciam os grandes moralistas francezes.

E' um verdadeiro regalo a leitura dessa obra, de estylo gracioso e florido. Além dos conselhos de devoção que pódem ser seguidos por pessôas da sociedade, levando a vida commum, S. Francisco de Salles preconiza coisas excellentes a praticar, qualquer que seja a convicção intima do leitor, a saber: o uso da meditação, a cultura da vida interior, o exame de consciencia.

Recommenda elevar o nosso espirito acima das banalidades diarias e praticarmos os exercicios das virtudes, unicos bens que se deve adquirir. No emtanto aconselha que cuidemos com zelo das nossas obrigações.

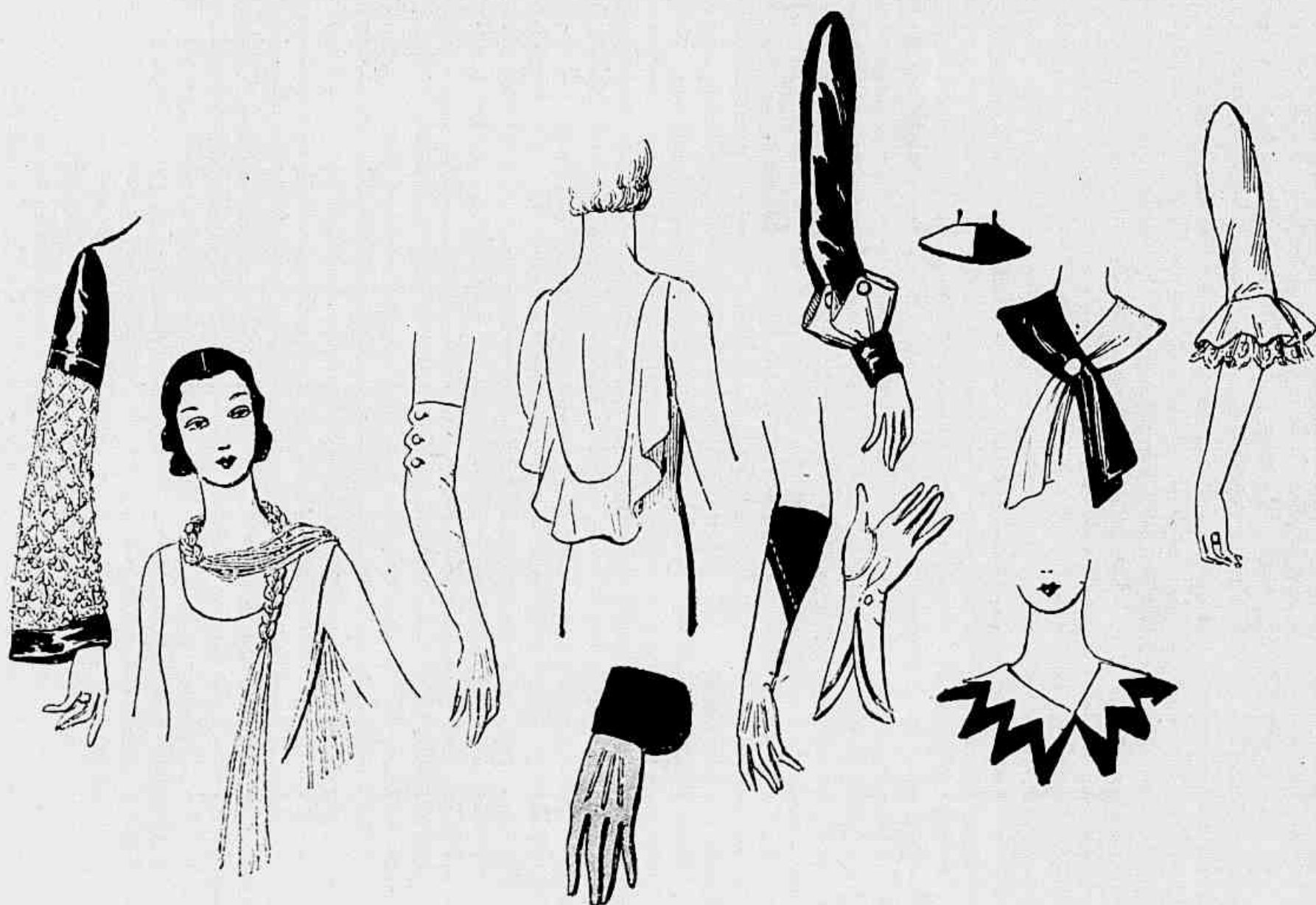
O guia benevolente instrue sem magoar. Dando o exemplo, préga a doçura. Só julga com severidade as conversas maledicentes, os namoros (flirts) e os excessos nos prazeres mundanos.

O estylo de S. Francisco de Salles é muito interessante, cheio de comparações originaes. Sabe ser sério, mas nunca rispido.

Como exemplo, damos aqui o que disse o bispo de Genebra a respeito do vestuario:

"Por meu voto, gostaria que o meu devoto e a minha devota fossem sempre os mais bem vestidos do grupo, sem vaidade nem affectação mas providos de graça, porte e dignidade. S. Luiz disse, n'uma palavra, que devemos vestir-nos conforme nossa posição, de maneira que os sensatos e bons não possam dizer "Fizeram de mais", nem os jovens "Fizeram pouco de mais".

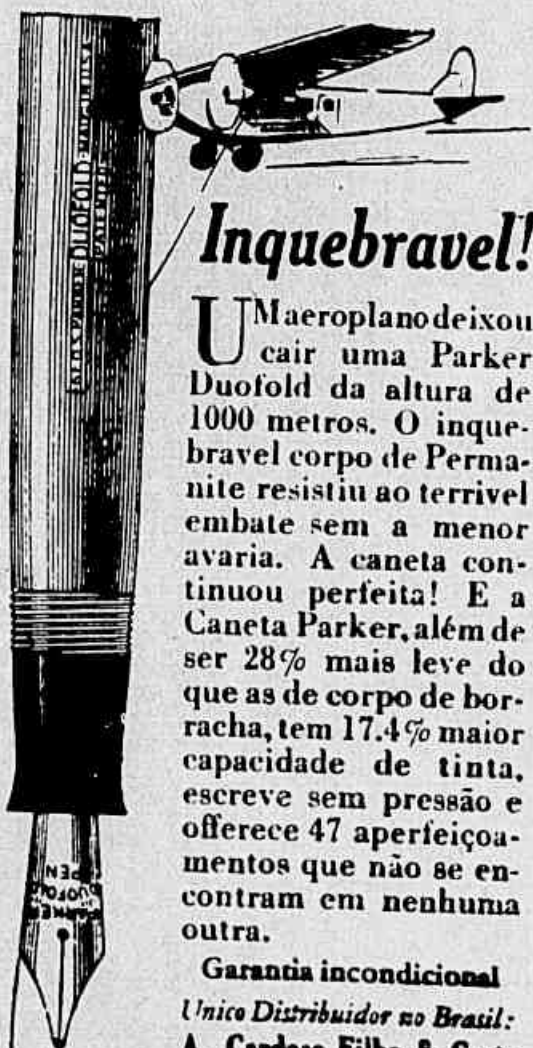
Não se póde exprimir melhor a justa medida.

ACCESSORIOS DA TOILETTE

Para um vestido de setim preto, que necessite de uma transformação para a noite, adapta-se simplesmente esta manga de tulle bordado com uma rêde de vidrilhos ou de contas se o vestido fôr de côr. Isso bastará para dar a nota chic á toilette. Esse collar, formado por diversos fios de perolas trançados uma certa parte e as pontas soltas, guarnecerá elegantemente uma toilette para a noite. As quatro luvas que damos são para as diversas horas do dia: as longas, abotoadas no braço e de canhão para baile e theatro, a curta com canhão para sport e sahidas da manhã e a semi-longa para as visitas elegantes. Esse babado ondulante collocado nas costas d'um vestido da noite dar-lhe-ha immediatamente o aspecto de moderno. Moderniza-se um vestido collocando-se sobre as mangas esse babado levantado e mantido por botões. Com essas duas gollas, feitas com tecidos de dois tons, tambem se poderá dar uma nota de novidade num vestido da estação passada. Cortando-se a manga de um vestido que já não está na ultima moda e applicando um babado de tecido sobre um outro de renda, a toilette immediatamente tomará novo aspecto.

Elle — Escute... Sonhei com a senhora esta noite...
Ella — Ah, sim? E como estava eu vestida?

Conselhos praticos

ESTATUETAS PARTIDAS

Collar as partes partidas das frageis estatuetas de biscuit é uma operação difficil com as collas de que se dispõe habitualmente. Todas teem o inconveniente de sujar em volta da união feita. Damos aqui um processo novo, dado por um jornal francez que garante o seu magnifico resultado. Consiste simplesmente em esfregar as duas faces da porcelana partida com alho e juntal-as immediatamente. O succo do alho seccando rapidamente colla os dois pedaços muito solidamente. Essa camada collante, sendo d'uma espessura muito fina, não deixa apparecer a racha do quebrado. Se a parte quebrada é volumosa, deve-se mantel a com fios de barbante para dar tempo ao succo do alho seccar.

PARA TIRAR NODOAS DE GORDURA DOS TECIDOS

Experimenta-se primeiro tirar com a benzina as nodoas de gordura; se a benzina não dá resultado, limpa-se então esfregando com um pouco de ammoniaco misturado com agua.

Mas esses meios devem ser empregados sómente depois de não se ter obtido resultado com o talco, que se renova diversas vezes sobre a mancha; em geral com paciencia consegue-se tirar essas manchas com o talco, sobretudo empregando-se immediatamente.

Tem elle a grande vantagem de não espalhar a mancha, como o faz muitas vezes a benzina, e tambem não tira a côr, nem mesmo do tecido mais delicado.

Chapéu com guarnição de feltro negro e fundo em velludo. E' todo ornado com um motivo de coral e jade. Collar de contas de madeira e jade.

Calcinhas de linho vermelho ou azul, as blusas de *linon* branco. Gravatas de fantasia.

Tertuliano Moraes (Pernambuco) — Lave a bocca de 3 em 3 horas com: Borato de sodio 5,0; Glycerina 10,0; Agua de Vichy 200,0.

Darcio Rodrigues (Minas Geraes) — Nem sempre.

Gonçalo Alves (Espirito Santo) — No seu estado dá excellente resultado o uso do seguinte elixir dentifricio: Acido phenico crystallizado 5,0; Tintura de iodo 10,0; Essencia de limão 3,0; Essencia de hortelã 5,0; Alcool a 90º, 1.000,0.

Monteiro Bulhões (S. Paulo) — Póde ser.

Vicente Nunes (Minas Geraes) — Antes das refeições, de preferencia.

Mary Fonseca (Alagoas) — A radiographia, aliás muito nitida, indica a existencia de um fragmento de raiz, situada ao lado do dente extrahido.

Independente disso, os dentes apontados em sua carta e vizinhos da raiz extrahida estão com os canaes completamente vazios, parecendo-me que por conta destes corre o mal que vem sentindo.

Aconselho a abertura dos dentes referidos e o tratamento dos canaes, antes de sacrifical-os, como deseja o meu illustre collega.

Fernando (Minas Geraes) — A extração do seu dente, na situação em que se encontra, deverá ser precedida de pequena intervenção.

Provavelmente o distincto collega necessitará de preparar um ferro especial para levar a bom termo a extracção referida.

Mme. Livia (Capital) — Si os phenomenos se passam como estão relatados em sua carta, convém chamar para elles a attenção do seu medico assistente. Este agirá de commum accordo com o seu dentista.

Renato (Minas Geraes) — Responderei á sua carta brevemente.

Feliciano Nogueira (Minas Geraes) — Muito grato pela gentileza do convite.

Carlos Junqueira (Pernambuco) — A minha ida a Pernambuco seria impossivel.

A minha clinica não permitte que me ausente do Rio.

ALEXANDRINO AGRA.

A água que cae gotta a gotta acaba por cavar a pedra; com seus dentinhos o rato corta um cabo; com golpes d'um machado derrubam-se grandes arvores.

Amar, orar, cantar, ahi está toda a vida.

NAUFRAGIO

Ella — Que desgraça, Eduardo, o barco está perdido!...
Elle — Mas que te importa isso, si elle não é nosso?

Acha-se á venda o

Perfume • Agua de Colonia • Creme • Pó de arroz • Sabão • Loção • Brillantine

Visitem a linda exposição dos productos "4711" na Casa Ramos Sobrinho & C. --- Rua da Quitanda 89.

Este numero consta de 44 paginas

ANNO XXXII | **Rio de Janeiro, 28 de Março de 1931** | **NUMERO 15**

CARTA ABERTA AO PRINCIPE DE GALLES

POR BERILO NEVES

Alteza

Desde que se espalhou a noticia (suave e encantadora noticia!) de que V. A. viria ao Brasil — juntamente com esse sacudido e sympathico Jorge — que vae, por toda esta grande patria do babassú e do café, uma intensa, desusada agitação.

Uma visita de principes é, sempre, um acontecimento sensacional, sobretudo num paiz como o nosso em que só ha principes de violão e reis de... maxixe. Na democracia brasileira, que anda de *paletot* e já está abolindo, até, o collarinho duro (por parecer hirto e severo como os politicos do segundo Imperio), um Principe de sangue é tão raro como uma moeda de ouro — e com a mesma soffreguidão com que esperamos um *funding* sonhamos, nesta hora, com a presença real e tangivel de Vossas Altezas...

Não é, porém, em nós — pobres e tristes mortaes que usamos calças — que essa visita produz maior e mais viva impressão. Bem ou mal, estamos afeitos ao prosaismo vil desta vida em que só ha dois grandes capitulos: a receita e a despesa... Ha uma classe de creaturas em cujo seio a visita de V. A. está causando anceios maiores e esperanças mais doces... Estas são as formosissimas donzellas que o Itamaraty recrutou (são os jornaes que o dizem) para servir de guarda de honra de V. A. Não ha, creio eu, na historia dos Principes episodio mais lindo e mais gracioso. Nem os vossos robustos antepassados (que conquistaram a Grã Bretatanha com as suas poderosas espadas christianissimas) tiveram honra maior e premio mais alto. Pois que! Não bastarão os discursos pomposos, os banquetes solennissimos, os bailes de nobre e superior prosapia para honrarem a V. A. e seu bom e leal mano, o principe Jorge: para onde quer que vades, ireis vós ambos cercados de flores e por entre aromas, como deuses! Não estareis nunca (mesmo na hora despoetisante do almoço) sem Perfume e sem Belleza, pois a tanto equivale o terdes sempre, e continuamente, ás vossas ordens uma luzida e invejavel guarda de bonitas moças! Para onde quer que a vossa face se volte, tereis, ó Principes bemaventurados, um bello sorriso de mulher! Os vossos olhos encontrarão sempre onde folgarem e rirem, como creanças felizes, e mesmo quando dormirdes uma ala branca de virgens montará guarda, de ramalhete em punho, á porta principesca da vossa alcova!

Nunca se viu, entre os humanos, um destino mais ameno. Nem Ulysses (o prudente Ulysses) gozou na ilha de Ogygia, entre os braços divinos de Calypso, delicias mais divinas! Nas Antilhas, no Perú, no Chile, na Argentina, em tantas terras bem fadadas de Deus, não vos terá acontecido, decerto, facto mais sensacional e mais digno de eterna memoria. O caso é ainda mais grave por serdes, vós ambos, moços solteiros e estardes nessa idade perigosa em que já não se é criança e ainda se não é velho... A Republica conquistaria a maior das suas victorias diplomaticas se vos fornecesse uma esposa — sobretudo a V. A., senhor Principe de Galles, a quem cabe o delicioso *record* de ser *o homem que maior numero de vezes ficou noivo, no mundo!*

Sei que V. A. adora os cavallos, apezar de tantas quedas que têm amolgado as suas principescas costellas. Sei que, adorando os cavallos (como todo bom inglez, é verdade), não lhe apetecem muito as mulheres, ao menos sob a fórma juridica e legal das esposas... Mas sei, tambem, que não ha, em todo o Universo, olhos mais traiçoeiros e penetrantes do que estes que a Natureza fabrica nestas plagas brasilicas, com uma mistura em que ha luar, mel de abelhas, tromba de mosquito e veneno de cascavel... Pode ser (e as razões de ordem politica dirão a ultima palavra) que jamais se assente, no throno da Grã Bretanha, uma filha morena da terra morena da America...

Provavelmente será loura (e, talvez, fria) a mulher que partilhará com V. A. a gestão do maior Imperio deste seculo e dos seculos mais recentes. Estou certo entretanto — e aqui vae todo o meu temor e toda a minha angustia — que não sairá V. A. incolume deste paiz se concordar em trazer comsigo a guarda de honra que (dizem) o Itamaraty lhe prepara, com malicia e finura... Até agora, parece, conhece V. A. excellentemente os cavallos — e isso não impede que delles cáia com frequencia e escandalo: que será quando, em vez de *poneys*, houver V. A. de domar e dirigir corações? Um Principe, mesmo que seja de uma dynastia tão antiga e poderosa como a da Inglaterra, não passa, afinal de contas, de um pobre Homem — que tanto pode ter uma dôr de dentes como uma paixão... Não desejo a V. A. nem um nem outro desses incommodos achaques — mas ha olhos, Alteza, que perderiam um Propheta se os prophetas não tivessem a habilidade de viver em tocas, comendo insectos e fugindo a toda a graça e formosura da Mulher...

Se quer V. A. resguardar o protocollo e deixar em socego o escrupulo exigente dos seus cortezãos, experimente os nossos cavallos, tome banho nas nossas praias, reme nas nossas *yoles*, danse nos nossos bailes, fume os nossos charutos, abarrote os nossos mercados (de ferro inglez, de carvão inglez...) mas dispense, pelo amor de Deus, a guarda de honra que o Itamaraty lhe quer impôr, para seu desasocego e o de sua Real Familia (a quem o Senhor guarde)...

O Brasil perderá, com isso, um novo e poderoso motivo de alliança com a Inglaterra, mas V. A. voltará ao seu palacio de Saint James sem essa tristeza, a um tempo doce e amarga, que nos simples mortaes se chama *saudade* e nos Principes não tem nome, ou não sei como é que se chama...

Saúda a V. A., e ao seu nobre e leal irmão Jorge, o admirador, posto que cidadão,